

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Educação



1290005033



FE

TCC/UNICAMP C279v

Vista minha “Pele”

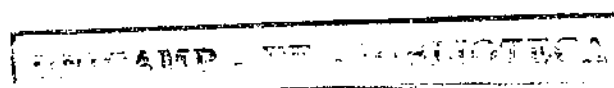
Um diálogo com professores especialistas que
lecionam em diferentes realidades educacionais

Carolina Xavier Lima Castro

Campinas

2010

FE 242010



UNIDADE:	FE
Nº CHAMADA:	TC/Unicamp
	C279v
V:	EX:
Tombo:	5033
PROC.:	134/10
C:	D: X
PREÇO:	11,00
DATA:	05/10/10
CÓD TÍTULO:	771867

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

C279v Castro, Carolina Xavier Lima
Vista minha "pele" : um diálogo com professores especialista que
lecionam em diferentes realidades educacionais / Carolina Xavier Lima
Castro. -- Campinas, SP : [s.n.], 2010.

Orientador : Maria Teresa Eglér Mantoan.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -- Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Professor especialista. 2. Freinet, método de educação. 3. Ensino
fundamental. I. Mantoan, Maria Tereza Eglér. II. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

10-161- BFE



“E se fossem caminhos de ilusão e erro? Se qualquer velho pastor nos provasse, com a sua experiência decisiva, que nos estamos esgotando em vão numa luta desigual contra a natureza e a vida; se nos persuadíssemos, algum dia, da vaidade orgulhosa desta autoridade formal – material, intelectual e moral -, que o manejo hábil e impiedoso do chicote nos dá! Se reaprendêssemos a acariciar, amar e servir as crianças de caracóis loiros, a segurá-las pela mão nas passagens difíceis, a abaixar para elas os galhos que não conseguem alcançar; a nos alegrar ao vê-las satisfeitas, ao fim do dia, com um alimento livremente colhido nas fontes generosas que teríamos feito brotar; se soubéssemos responder aos inquietos dos alunos em dificuldade e nos acalmar com o espetáculo dos saltos de satisfação de seres que sobem até os cumes da cultura, por caminhos que não são forçosamente calvários, mas que são sempre caminhos de vida! Se soubéssemos *ajudar* as nossas crianças a tornar-se homens!” (FREINET, 1996 p.8)

Resumo

Esse trabalho retrata a experiência de professores especialistas que lecionam em escolas cujas propostas pedagógicas diferem em princípios e práticas escolares. Foram selecionados três profissionais que lecionam em uma escola Freinet e em outras escolas que adotam outras pedagogias com os quais mantive um diálogo sobre essas experiências, o qual está reproduzido neste estudo. Verifiquei que certas pedagogias, como a Freinet, sobrevivem porque defendem uma formação embasada em princípios irrefutáveis e atemporais, tais como: a livre expressão, a cooperação e a autonomia dos sujeitos. O efeito da pedagogia Freinet sobre o comportamento dos três sujeitos estudados foi notado na medida em que todos eles tentaram levar, para outras escolas em que lecionaram, os preceitos fundamentais da Escola Moderna criada por Célestin Freinet. Eles resistiram a posições adversas de todo tipo que levaram a pequenas mudanças nas escolas assim como ao abandono da carreira em escolas em que as contraposições de suas idéias os fizeram abandoná-la.

Sumário

Introdução.....	6
Esclarecendo Meu Problema.....	8
Buscando Meios de Resolvê-lo.....	9
Capítulo 1 – Um pouco de Freinet e suas idéias.....	10
1.1 – Os Princípios e Características da Pedagogia Freinet.....	14
Capítulo 2 – Dialogando com os Professores.....	18
Concluindo.....	50
Finalmente.....	53
Referências.....	54

Introdução

Quando poucas coisas me interessavam no curso de pedagogia fui apresentada, em uma disciplina à Pedagogia Freinet. Ao ler relatos de professores sobre essa pedagogia voltei a acreditar que transformações no meio educacional são ainda possíveis, e ao entrar em contato com algumas das obras de seu criador, Celestin Freinet, a curiosidade em mim foi despertada e passei a buscar espaços em que eu pudesse discutir e compreender como seria, na prática, o trabalho com essa pedagogia.

Busquei em um curso de extensão sobre Pedagogia Freinet oferecido pela faculdade de educação da UNICAMP entender melhor as idéias e práticas desse pedagogo que preconizava e fui a campo observar um trabalho “Freinetiano” em uma das escolas que adotam essa pedagogia como referencia.

Nesse espaço escolar percebi que é possível se educar para a vida e a cidadania e deparei-me com a realização de uma proposta na qual acredito. Conheci alguns de seus professores, alunos e coordenadores. Pelo fato de estar me formando em Pedagogia foquei minha atenção nos anos iniciais de ensino, mas a cada nova leitura sobre as práticas Freinet eu me questionava como seria a aplicabilidade dessa pedagogia em níveis mais elevados de escolarização.

A partir dessa curiosidade, optei por dedicar meus estudos ao grupo de educadores que lecionam no Ensino Fundamental II dessa escola. Esta escolha se deve ao fato de esses profissionais não terem tido uma formação em curso de Pedagogia, a não ser algumas matérias que problematizavam a educação escolar.

Pensando nessa formação diferente da minha, a idéia da escolha desses professores pareceu ainda mais significativa. Além disso, pressupunha que os professores especialistas, pelo fato de estudarem outras áreas do conhecimento, não conhecessem a problemática da educação como é discutida e conhecida em um curso específico para a formação em Educação.

Nos currículos dos cursos de graduação em pedagogia, pouco estudamos sobre o Ensino Fundamental II e a uma lacuna que trazia dúvidas sobre como atuam esses profissionais nas escolas sem um aprofundamento pedagógico e como podemos, como pedagoga, orientar e coordenar seus trabalhos em uma escola.

Busquei durante dois meses conhecer melhor o Ensino Fundamental II em uma escola Freinet para ter mais contato com esses profissionais e verificar como aconteciam suas aulas

em outro nível que não a da Educação Infantil ou o Ensino Fundamental I. Apesar de a pedagogia Freinet ser mais comumente praticada nos níveis mais elementares de ensino, fiquei imaginando como seria lecionar com base nela para alunos de níveis mais avançados. Tive poucas indicações de escolas que oferecessem essa pedagogia depois do Fundamental I.

Diante dessa realidade e conhecendo mais de perto os professores especialistas que atuavam na Escola Freinet que visitei. Ao saber que alguns deles lecionavam nessa escola e em outras escolas particulares e públicas que não adotavam a mesma pedagogia fiquei imaginando como seria o cotidiano profissional desses professores.

A partir desse questionamento que foi gerado durante o contato com esses educadores, encontrei meu objeto de estudo: *“Vista minha pele – um diálogo com professores especialistas que lecionam em diferentes realidades educacionais”*.

Esclarecendo meu Problema

Nessa pesquisa procuro compreender como professores especialistas lidam com o fato de lecionarem segundo conceitos e práticas da pedagogia Freinet e em um segundo emprego em escolas cujas propostas educacionais diferem desta.

Para refletir sobre esse problema, algumas **questões** foram articuladas:

- Qual é a importância de uma experiência educacional, como a oferecida pela pedagogia Freinet, na construção da identidade do educador?
- Como esses professores que vivem experiências pedagógicas distintas conseguem sobreviver profissionalmente e enfrentam essa situação?
- Qual a contribuição dos ambientes educacionais para a construção da autonomia do professor?

Diante dessas questões o **objetivo** desse trabalho é conhecer a partir das falas dos professores que vivenciam situações diferentes de trabalho nas escolas em que lecionam como enfrentam e o que retiram de situações dessa natureza.

Buscando meios de resolvê-lo

Entrei em contato com a diretora da escola Freinet para conhecer se haviam professores especialistas que lecionavam naquela instituição e em outras escolas, públicas e particulares.

Localizei três professores, a que chamarei Amanda com nove anos de experiência na Escola Freinet e 11 anos de magistério, o que chamarei Luis com dois anos de experiência em Escola Freinet e 10 anos de magistério; a que chamarei Sara, com 27 anos de magistério e 16 anos de experiência em Escola Freinet, sendo um especialista em ciências, filosofia e inglês e a última em história.

Indaguei-os pessoalmente se poderiam me narrar a experiência de trabalho que viviam e eles me autorizaram. Estabeleci alguns pontos que seriam comentados durante o encontro particular com cada um deles e marcamos esses encontros que tiveram uma duração que variou de quarenta minutos a uma hora. Por meio de um diálogo franco com esses professores que procurei reproduzir neste estudo, fui aprofundando a conversação e obtendo deles o que desejava para atingir meus objetivos de pesquisa. Organizei os dados sobre a forma de uma interlocução em que incluí algumas considerações de caráter pessoal, com base no que conheço da pedagogia Freinet e de outras formas de organização pedagógicas da educação escolar.

Esta pesquisa é, pois, um estudo que se insere entre pesquisas de natureza qualitativa com foco na experiência profissional dos educadores entrevistados. O estudo não tem pretensões universalistas, mas representa uma contribuição aos que se dedicam a uma educação em que o professor é valorizado por sua convicção em uma concepção pedagógica e o que seu posicionamento provoca na carreira docente.

As bases teóricas da discussão que desenvolvo entremeada no diálogo com os professores estão resumidas no capítulo que segue. Outros autores construtivistas como Telma Vinha, Yves de la Taille, Orly Mantovani de Assis, Constance Kamii ampliam a bibliografia que me serviu para interpretar a fala dos professores que analisei.

Capítulo 1 - Um Pouco de Freinet e suas idéias

Célestin Freinet (1896 – 1966) foi um conceituado pedagogo, nascido no sul da França; seus dias de escola foram profundamente desagradáveis, e afetaram seus métodos de ensino e seu desejo de reforma e transformação dessas estruturas. Em 1915 foi recrutado pelo exército francês, ocasião em que teve uma lesão pulmonar causada por gases tóxicos; esta experiência o transformou em um pacifista, o fazendo refletir como pessoas eram capazes de fazer guerra matando umas as outras. Essa experiência foi tão significativa que o levou a buscar uma pedagogia mais humanista, que tivesse suas bases na democracia. Sendo assim, pouco depois de seu retorno da guerra deu início ao trabalho como professor de escola primária, antes mesmo de concluir o curso normal.

Em 1923 Freinet comprou um tipógrafo, para ajudar em seu ensino, já que seu ferimento do pulmão dificultou que ele falasse por períodos longos. Assim, as próprias crianças compunham seus trabalhos, os discutiam e os editavam em pequenos grupos, antes de apresentar o resultado à classe. Gradualmente os textos feitos pelos próprios alunos começaram a substituir os livros didáticos convencionais. Assim, Freinet criou uma cooperativa de trabalho com professores de sua aldeia na busca de idéias inovadoras para a educação e, esta cooperativa suscitou o movimento da Escola Moderna na França.

Esses professores buscaram novas maneiras de compreender as escolas, criaram métodos de ensino que divergiam da política oficial de educação nacional, causando assim um clima de desconfiança, especialmente devido ao grande volume de correspondências trocadas entre as escolas, que na verdade faziam parte de um de seus métodos de ensino. Freinet acaba por ser exonerado de suas funções, mas decide montar sua própria escola, junto com sua esposa, Elise, pouco antes do início da Segunda Guerra Mundial.

É importante destacarmos que durante toda a sua vida este autor criticou a escola que chamava de tradicional. Ele buscava a transformação, pois percebeu as instituições de ensino como extremamente burocratizadas e distantes da realidade dos alunos, condenava a passividade, o intelectualismo excessivo e o caráter desumano desta instituição. Acreditava que com essas condições os alunos não tinham encontro com a vida e não conseguiam desenvolver suas habilidades de análise crítica, de julgamento pessoal, de expressão livre, responsabilidade e afetividade. Em seus ideais Freinet queria a escola centrada no aluno e

suas necessidades, onde ela própria pudesse construir a sua personalidade e novos conhecimentos.

A educação deveria proporcionar ao aluno a realização de um trabalho real; diferente do que a escola, na época, propunha. Sendo assim, quando este foi questionado sobre o uso de cartilhas, afirmou que questionava seu real valor, pois acreditava que os conteúdos lá encontrados nada tinham a ver com a realidade das crianças, portanto, não traziam nenhum estímulo à aprendizagem da leitura.

O trabalho deveria ser o centro de toda atividade escolar enfatizando-o como forma do ser humano ascender, exercer seu poder. Deve ficar claro que ele não desvalorizava o aprender, mas defendia a idéia de que tudo deveria passar pela experiência de vida, para que o aprendizado fosse integrado ao que se aprendia, e isso só é possível pela ação, através do trabalho.

Em seu projeto, Freinet buscou uma sociedade em que a cooperação, a felicidade, a liberdade e a paz estivessem sempre presente. Para que tornar o desejo real, o pedagogo acreditava na educação como mudança social, “vontade” essa denominada por Nascimento de “o idealismo de Freinet”. Tal idealismo traz à tona a idéia de que a escola ao mesmo tempo tem um papel “de negação” da situação presente, tem grande “participação” na construção da sociedade futura. E ainda, a educação é vista como possuidora de objetivos culturais e sociais como diz Nascimento: *“A educação modela a personalidade do educando para uma futura sociedade harmoniosa e equilibrada”*. (NASCIMENTO, 1995, p.35).

A autora coloca que a escola passa da negação da instituição para a afirmação da mesma como salvadora ou redentora da sociedade. Faz a denúncia que essa, enquanto instituição coloca para as classes dominadas que as formas de pensar, sentir e agir são universais como nas classes dominantes. Em contrapartida Freinet propõe uma nova estrutura e uma nova forma de ser para a escola. Ao negar o formato antigo e ao colocar uma nova forma de ser da escola, é possível o surgimento da “escola boa”, ou seja, a escola que é ao mesmo tempo instrumento para a instauração da boa sociedade. Enfim, a escola seria, portanto, um instrumento importante na concretização dos ideais de democracia e socialismo.

Freinet tinha um projeto político de formar um novo cidadão consciente e ativo que futuramente poderia transformar a sociedade tornando-a mais justa e igualitária. Freinet acredita em um conceito “utópico”, o da sociedade justa, embora incorpore a crítica do

pensamento socialista ao papel reprodutor da escola, consegue resgatar o valor o otimismo e a esperança como alavancas para a ação pedagógica transformadora.

Diferentemente das escolas tradicionais, a escola moderna de Freinet mantém seu foco centrado na criança, no aluno, não mais na matéria a ser ensinada e nos programas que definam essa matéria. Como escreve o próprio pedagogo:

A escola do amanhã será centrada na criança enquanto membro da comunidade. De suas necessidades essenciais, em função das necessidades da sociedade a que pertence, é que decorrerão as técnicas – manuais e intelectuais – a dominar a matéria a ensinar, o sistema de aquisição, as modalidades da educação. (FREINET, 2001, p. 9).

Sabe-se que para Freinet, apesar da busca da autonomia dos educandos, a interação professor-aluno é essencial para a aprendizagem. Para que ocorra esta sintonia é necessário que o educador considere o conhecimento do aluno já existente, que é, na verdade, o fruto do meio em que vive. Sendo assim, esse pedagogo buscou, durante sua docência, estar em contato direto com a realidade em que seus alunos viviam e fazia questão de indagá-los, saber suas bagagens ao invés de trazer conhecimentos formulados a priori.

Segundo Freinet, quando este refletiu acerca de sua prática percebeu que a escola estava ultrapassada e a sociedade encontrava-se em mudança com as crianças em transformação também. Assim, passou a defender a idéia de que as escolas não acompanhavam esta evolução mundial, e essas transformações exigiam uma nova pedagogia para a sociedade que estava nascendo. Era necessário, diante deste quadro, que transformações ocorressem também no nível educacional. Como esclarece Freinet:

A escola tem de se modernizar. A escola tem de reencontrar a vida, (...) dar-lhe objetivo. E para isto deve abandonar as velhas práticas, (...) É necessário, sobretudo, que os pais e os educadores tomem consciência do fato evidente de que a vida mudou (...) é necessário a todo o custo reconsiderar os problemas (...) Temos de fazer nascer o futuro no seio presente e do passado, o que implica não num espetacular apelo à novidade, mas prudência, método e uma grande humanidade. (FREINET, 1977, p. 25).

Uma instituição de ensino que seguisse seus princípios deveria zelar pelo espírito de liberdade possibilitando ao aluno sua movimentação, exploração e livre escolha das atividades. Sem que isso seja confundido com o “*laissez-faire*” pode-se dizer que a pedagogia defendida por Freinet é sim diretiva, mas sua direção é a democracia.

Dessa maneira hoje os professores que praticam as atividades ou instrumentos criados por Freinet, mas que ignoram os aspectos políticos e sociais ao redor da escola, não estão de acordo com sua proposta. Afirma-se isso pois percebe-se que a pedagogia idealizada por esse pedagogo traz em seu bojo a preocupação com a formação de um ser social que atua no

presente. Cabe ao educador a sensibilidade de atualizar sua prática, fazendo com que uma pedagogia pensada na década de 20 seja muito atual.

Para esse educador, o processo educativo, a vida equilibrada entre o indivíduo e o seu meio social, tinha grande valor. Considerava de grande importância a vida liberada de autoridade coercitiva dos adultos a que muitas vezes as crianças são submetidas. Acreditava que o indivíduo deveria alcançar a vida plena através da realização do seu papel individual, social e político dentro das suas necessidades e possibilidades alcançando a felicidade e o sucesso do seu ser. Em sua docência construiu os princípios educativos de sua prática, onde enfocava que *"ninguém avança sozinho em sua aprendizagem, a cooperação é fundamental"*. Para Freinet a educação deve servir à verdade, ao direito e à justiça.

Em classes freinetianas as avaliações não são reduzidas à simples aquisição de conhecimentos, estas vão além, envolvendo o processo de análise contínua do crescimento, da forma e o produto das realizações, do desenvolvimento pessoal e em prol da cooperação mútua. É altamente relevante que no ambiente escolar o professor considere os alunos nas suas diferenças, conservando e respeitando o potencial de aprendizagem de cada um. Portanto, num ambiente como o almejado pelo pedagogo, o aluno é avaliado através de seu desempenho nas atividades realizadas no cotidiano escolar e o professor tem um papel importante nesse processo, favorecendo os confrontos que objetivem a aquisição de conhecimentos futuros.

Assim, as paredes das salas de aula não devem ser vistas como limites do processo educativo; a vida deve entrar na escola para que o aluno seja preparado para essa. A educação também deve ser interpretada como uma obra de vida, onde esta possibilitará recursos para conhecer e construir o próprio ser dentro de um contexto específico, e assim esse aluno poderá assumir seu papel pessoal na vida social e política que o cerca, podendo contribuir para a transformação da sociedade, como Freinet almejava.

1.1 – Os Princípios e Características da Pedagogia Freinet

As idéias centrais desse pedagogo orientam-se em torno de grandes eixos. Alguns autores defendem dois eixos centrais: o trabalho e o “tateamento experiencial”. Mas por meio de minhas leituras, destacarei quatro princípios: a **livre expressão**, a **cooperação**, o **trabalho** e a **autonomia**. Em minha opinião esses são os eixos fundamentais que apóiam a prática e merecem considerações. Esses fundamentos devem ser praticados para além dos discursos, como “estruturas de um edifício”; esses pilares são complementares e ligados entre si, sendo difícil a explicação fragmentada dos mesmos.

A **livre expressão** é um conceito que pode “assustar” aqueles que estão acostumados ou foram educados pelo método tradicional de ensino. Podemos falar em expressão, mas livre é amedrontador, pois deixar livre o aluno seria tirara das mãos do professor a possibilidade de conduzi-lo. Para pensar nessa liberdade levando-se em conta que o processo educativo nas bases freinetianas não extinguiu a figura do professor, mas não prescinde de sua autoridade; questiona-se a idéia – livre expressão. Livre de quê? E então encontra-se um favorecimento da expressão que é livre dos estereótipos, estigmas, das fórmulas prontas, livre dos constrangimentos. Buscamos a expressão autêntica e original. Que o aluno possa verdadeiramente expressar seus sentimentos e idéias e é sabido que muitas vezes não o faz, dentro da própria graduação, pois são forçados a escrever de uma determinada maneira deixando muitas vezes de dar voz àquilo que está escrito. Trazer a possibilidade dessa expressão autêntica é favorecer a expressão do novo. Com a possibilidade de expressar-se, vem a necessidade de organizar suas idéias, tornando-as claras para o grupo. Entendemos a escrita não como uma obrigação, nem como tarefa escolar, mas sim como um meio de se comunicar.

A **cooperação**, diferente de outras pedagogias, parece não ser um discurso “oral” aos alunos, que passa a ser esquecido nas práticas mais simples em que se exalta o melhor aluno da sala e se punem os mais fracos. Cooperar significa operar com os outros. Uma cooperação também a serviço da organização da sala, na qual os alunos realizam trabalhos em que cada um pode e precisa contribuir com o seu fazer para os fazeres do grupo. Estamos falando de uma cooperação viva, necessária ao trabalho, que desenvolve o sentido de grupo, de respeito ao outro.

Na sociedade é costume de muitos pensarem o **trabalho** como uma obrigação que desempenhamos para podermos ficar livres e nos dedicarmos então a outros afazeres que não

esse. Mas não é esse trabalho que Freinet se refere quando diz: *“O trabalho será o grande princípio, o motor e a filosofia da pedagogia...”* (FREINET 1969, p.27). A questão do trabalho é tão central na sua obra, nas suas concepções de educação, que na maioria de suas publicações o pilar vem à tona; chegando a escrever todo um livro para explicar melhor essa base central. Encontramos sua concepção de trabalho entendido como realização do homem, busca de conhecimento, saber e fazer. Através do trabalho é que o homem pode conhecer-se naquilo que faz, colocando no mundo a sua palavra, a sua produção, sua criação. *“O trabalho na escola deve ter valor real, o produto deve ser percebido pelos alunos como útil, e a sala de aula deve tornar-se um canteiro de obras.”* (FERREIRA, 2003 p.26). Freinet critica o trabalho alienado e defende uma educação de caráter politécnico, que permite uma reflexão crítica contra as formas de exploração do trabalho e contra o trabalho fragmentado e alienador. Como necessidade humana, não distingue o trabalho intelectual do manual, nas palavras de Freinet:

Eu digo educação pelo trabalho. Que não se entenda imediatamente pelo trabalho manual, como se devesse designar exclusivamente manual. Ela é, na verdade, isso, na origem, mas em que essa atividade seja alguma vez arbitrariamente separada de uma alta espiritualidade que a ilumina, isolada do processo vital de que ela é um elemento, do mesmo modo que do processo social que a condiciona. (ELIAS, 1995, p.11).

Liga-se à idéia de trabalho em Freinet sua concepção de *Tateio Experimental*, sendo este a via natural de aquisição de conhecimento. Como afirma Freinet: *“Não são a observação, a aplicação e a demonstração dos processos essenciais da escola – as únicas vias normais de aquisição de conhecimento, mas a experiência tateante que é uma conduta natural e universal”*. (FREINET, 1973 p.185). O aluno tem a necessidade e o direito de buscar sozinho, de descobrir e de se alegrar com suas descobertas, de encontrar seu lugar no mundo, de analisar este mundo, de dominar física e mentalmente o seu ambiente e nele inserir-se.

E a **autonomia**, como último eixo e grande objetivo educacional; uma autonomia aprendida no convívio em grupo e que por isso mesmo não se torna individualismo. A autonomia, para Freinet, é a aprendizagem de que cada um tem um papel, uma responsabilidade. Ela se torna consciente quando, primeiro, somos levados pelas mãos de outros, até do professor e, com o tempo damos nossos próprios saltos. Paulo Freire que em minha opinião dialoga com Freinet traz uma contribuição importante ao afirmar que:

Como professor (...) não me posso permitir a ingenuidade de pensar-me igual ao educando, de desconhecer a especificidade da tarefa do professor, não posso, por outro lado, negar que o meu papel fundamental é contribuir positivamente para que o educando vá sendo o artífice de sua formação com a ajuda necessária do educador.(...) Devo estar atendo à difícil passagem ou caminhada da heteronomia

para a autonomia, atento à responsabilidade de minha presença que tanto pode ser auxiliadora como pode virar perturbadora da busca dos educando. (Freire, 1996, p.78).

A pedagogia Freinet assume, para fins educativos, as necessidades de cada aluno; para motivar, organizar o trabalho, realizar e desenvolver sua personalidade em relação com o seu meio. Essas necessidades seriam a expressão de seus sentimentos e idéias, a comunicação com os outros, a criação, a ação, o conhecer, a organização e a auto-avaliação. (FERREIRA, 2003).

Mas esses princípios não serão postos em prática se não houver transformação da relação professor-aluno. Para Freinet, o papel do professor é permitir que os alunos tomem decisões e que, acima de tudo, sejam responsáveis pelas atitudes assumidas. O verdadeiro educador não se utiliza da hierarquia para adquirir respeito e confiança, ele acredita que a transmissão de conhecimentos é uma relação de valorização da livre expressão. Para esse pedagogo, era fundamental existir entre professor e aluno o respeito mútuo nas realizações das atividades na colaboração para possibilitar o crescimento individual, a apropriação dos conhecimentos e o aperfeiçoamento contínuo.

Os educadores Freinet, fiéis aos ensinamentos do mesmo, depositam confiança na vida, pois sabem que a vida é capaz de fazer os indivíduos não deformados, não desvitalizados. Nesta pedagogia os instrumentos não funcionam como dispositivos de uma maquinaria de produção, que, uma vez acionados, garantem o produto previsto, um sempre igual ao outro. Os instrumentos da pedagogia Freinet não são quaisquer instrumentos e por isso não podem ser pensados independentes da filosofia que inspira todo um trabalho pedagógico. Não são neutros e seu uso descontextualizado pode ser ainda mais prejudicial à formação dos alunos e ao processo de aprendizagem do que outros instrumentos já presentes na sala de aula, uma vez que o exercício que tais instrumentos pressupõem demanda outra concepção de conhecimento, a idéia de que o conhecimento não está pronto, acabado, completo, mas demanda continuidade, não se trata de um ativismo regido por mudanças de técnicas, demanda “liberar gestos travados”, porque traz para dentro da sala de aula as relações afetivas, sem deixar a vida na porta da sala. Demanda absoluta alteração na concepção de criança e confiança em suas potencialidades, porque aposta no trabalho, na atitude de busca e indagação, de escuta. Por essa razão só a utilização dos instrumentos não garante, necessariamente, o envolvimento profundo dos alunos com o conhecimento do trabalho.

O professor freinetiano deve estar atento, de olhos e ouvidos bem abertos, e estar vivendo cada momento junto com seu grupo para poder perceber o que está interessando a ele

e entre os diversos assuntos poder optar por aquele que seja mais proveitoso, aquele que dará maior possibilidade de pesquisa, avanços e desafios na construção do conhecimento.

Essa atitude de atenção, de valorização da voz do aluno corrobora não só com os instrumentos pedagógicos postos a serviço do trabalho escolar, mas também com a perspectiva de que o processo de aprendizagem ancora-se nos acontecimentos vividos mais do que em esquemas conceituais ou cognitivos predeterminados ou estabelecidos como requisitos prévios e necessários à abordagem de um assunto. A pedagogia Freinet instaura a aula como acontecimento e extrai do acontecimento princípios e lições que, sistematizados, constituem a herança cultural que recebemos e aquela que deixaremos.

Para Freinet o processo de ensino-aprendizagem não é a transmissão de conhecimentos do professor para o aluno, e sim que a aprendizagem e o desenvolvimento ocorram num processo de construção coletiva onde alunos e professores ensinam ao mesmo tempo em que aprendem. Essa situação exige uma postura muito diferente do professor da escola tradicional, onde este deve estar atento e sensível para acompanhar a construção do conhecimento. (BELLAN, 1998 p.75)

O professor que se utiliza dessa proposta deverá ser o “organizador do ambiente”; supervisionando, arbitrando, questionando, oferecendo dados para que o sujeito possa se auto-avaliar. *“Criar um meio rico no qual as relações afetivas se baseiem na cooperação e na autonomia e no qual a curiosidade (...) adquira uma eficácia.”* (FERREIRA, 2008 p.28).

Não podemos esquecer que as ações, planos, instrumentos e idéias deste autor serviram para um país com determinadas circunstâncias históricas, sociais, políticas e econômicas. Sendo necessário estudarmos as nossas circunstâncias e entendê-las para podermos propor e criar saídas de acordo com a nossa realidade, mas é nesse momento que precisamos pensar em Freinet, pois quando começou seu trabalho com sua primeira sala de aula as condições também não eram nada agradáveis e favoráveis. (AZEVEDO, 2007). Eis aqui um convite à reflexão

Capítulo 2 – Dialogando com os Professores

Primeiro Diálogo - Amanda

Carol - Conte um pouco da sua trajetória como professora.

Amanda - Nunca tinha estudado pedagogia Freinet, só lido sobre... Eu tinha lido a obra “Para a Escola do Povo”, mas nunca ouvira falar deste autor na Unicamp. Conheci a Escola Freinet e me interessei pelo projeto da escola. Queria muito trabalhar em escola particular. Já tinha tido outras oportunidades mas tinha restrição à idéia da escola ser muito grande. Essas escolas de rede que são super massificantes... Já tinha inclusive tido a oportunidade, começado a trabalhar, mas não me identifiquei com o perfil da escola mesmo...

Carol - Nessa sua pequena fala eu já consegui perceber que antes mesmo de me contar sobre a outra unidade de ensino que leciona, como seria seu trabalho e autonomia ali, além da instituição que se orienta pela pedagogia Freinet, já me alertou, de antemão, que tem restrição às escolas “grandes de rede”. Pensando nisso acho que consigo afirmar que você, como educadora, possui um determinado perfil e esse perfil não comunga com toda ou qualquer instituição educativa.

Amanda - E quando eu conheci a Escola Freinet, falei “Nossa é tudo que eu acredito de educação, pode ser que aqui eu me encontre”. E nesse meio tempo eu também era professora da escola pública. Comecei a lecionar na escola pública.

Carol - Como é sua autonomia na instituição pública?

Amanda - Na verdade é uma grande confusão. Eu sou professora na rede municipal de uma cidade próxima. Já trabalhei, por exemplo, em escolas técnicas do Estado que tinham uma visão muito mais direcionada que era a de preparar para vestibular e dar subsídios para as disciplinas técnicas. Na escola pública eu acho que é uma grande mistura mesmo. No caso das secretarias onde eu trabalho a linha pedagógica não é clara. Tem uma fala de que é uma “pedagogia sócio – construtivista” mas não acho que seja. Acho que as pessoas nem sabem o que é isso. Então, por um lado você tem muita autonomia porque a coisa não é determinada claramente e por outro lado você fica a mercê de situações muito pontuais.

Carol - É você está explicitando aqui um problema que trata sobre a ausência de uma proposta pedagógica nas escolas. Pensando assim, o que alguns professores chamam de autonomia, assim como você, é na verdade, uma “brecha” advinda de uma causa negativa. Isso se caracteriza como problema pois não oferece respaldo ao educador perante seu modo de conduzir as aulas ao mesmo tempo em que a ausência de uma proposta passa a ser permissiva

a outros tipos de metodologias dos professores, o que soa como “pseudo – autonomia”. Talvez, em algumas escolas, isso seja um indicativo que a instituição, pelo menos teoricamente, preza por uma coerência, por um projeto coletivo. Mas ausência me parece mais uma escola sem rumo, sem norte, sem proposta coesa de um coletivo...

Amanda - Então, por exemplo, determinado secretario da educação naquele ano coloca um projeto para ser desenvolvido. Só que ele não necessariamente está ligado numa política de longo prazo. Eu acho isso complicado.

Carol - Nós sabemos que a gestão tem certa autonomia e independência perante o estado e a federação, e essas são características que fazem com que escolas que comunguem uma mesma rede de ensino assumam pontos de vista bem distintos acerca de posturas e preceitos com os alunos e com os próprios educadores. Sabe Amanda, eu não penso de maneira nenhuma em discordar que uma gestão escolar deva ter a liberdade de optar como serão suas ações, mas a maneira que a direção “trabalha” com essa autonomia pode fazer com que a cada alteração no corpo administrativo os professores tenham que restabelecer metas, modificar projetos em andamento. Isso quando os mesmos não são interrompidos, assim como você contou.

A estrutura pedagógica e administrativa da escola é o instituído, analisados por Libâneo e outros (2003). As leis educacionais, documentos e regimentos, parâmetros estão na dimensão do Instituído. Na mesma referência teórica, o instituinte constitui um espaço de realização pessoal e profissional. Ele confere dignidade e autonomia a toda equipe, em sua dimensão muito pode ser criado pela mesma, como o projeto político pedagógico, planejamentos em geral, horários e parcerias.

Amanda - E no âmbito da escola você fica, sim, muito suscetível a quem é o coordenador, ao que ele acredita enquanto educação, a quem é a direção da escola, então essa gestão escolar acaba sim interferindo na sua prática pedagógica da sala de aula.

Carol - O que te levou a lecionar nessas duas instituições?

Amanda - É, acho que é uma questão financeira mesmo. Você tem uma carga de trabalho que precisa ser cumprida para que você mantenha a sua vida, então o primeiro ponto é esse. Agora, por exemplo, a fase em que eu vivo agora, que eu tenho filha bebezinha, em vários momentos eu quis diminuir a carga de trabalho mas acabo me mantendo porque eu acho que a escola pública é muito carente de profissionais comprometidos com a educação e eu sei que eu sou comprometida. Então muitas vezes eu me vejo assim. Eu não quero sair da escola pública por um compromisso e ideal. Até por ter sido formada em uma universidade pública,

eu acho que eu tenho um compromisso com a educação pública. Eu gosto muito de estar na educação pública.

Carol - Realmente a questão financeira é um tema recorrente quando se discute as dificuldades em “ser professor”, tendo que assumir uma carga horária gigantesca para compor um salário mais digno.

Vinha, referindo-se a esse assunto, afirma ser notório que o professor, para garantir orçamento doméstico, possua excesso de trabalho, além das responsabilidades familiares, sobrando-lhe, assim, pouco tempo para estudar e frequentar cursos. Uma das dificuldades para o seu aperfeiçoamento são os custos elevados dos cursos ou congressos. Mesmo quando não são tão caros pesam no baixo salário do docente. E é sabido que nem sempre o governo ou a escola privada investe na qualificação e no aperfeiçoamento continuado de seus professores, às vezes por falta de condições financeiras e, outras vezes, por considerar esse investimento em formação pouco relevante, ou ainda por ter outras prioridades que dão maior visibilidade. Assim o apoio ao trabalho do docente fica cada vez mais conturbado. (VINHA, 2007)

Amanda - Eu posso afirmar que no momento em que eu iniciei era mesmo uma questão financeira. Agora, na hora de fazer opções como sair da escola pública, não a faço por uma questão mesmo de ideal. Eu acredito muito nela. E a Escola Freinet é meu projeto de vida.

Carol - Interessante pensar que, para além da questão financeira, há na sua fala o compromisso social que você desenvolveu com a educação da instituição pública. Devemos nos lembrar que aquilo que é público é nosso. É nesse espaço que devemos lutar para criar mudanças positivas. Não que na instituição privada isso não deve ser feito, mas o compromisso com o público não deve ser deixado de lado.

Carol - Em qual dessas instituições você tem maior identificação?

Amanda - Quando eu encontrei a Escola Freinet, na medida em que os dias iam passando, as aulas acontecendo, eu descobrindo a obra do Freinet, lendo sobre ele, sobre as coisas que ele escreveu, era muito uma coisa como “Nossa eu encontrei um lugar para mim”. Porque na verdade eu identificava tudo aquilo que eu acreditava enquanto professora, que professora eu queria ser, que relação que eu queria ter com o meu aluno, a relação com o conhecimento. Eu acabava vendo a possibilidade dessas coisas serem efetivadas na Escola Freinet. Então a identificação com a pedagogia Freinet foi muito grande, mas não acho que, por exemplo, eu me fiz professora a partir do que eu li. Claro que algumas coisas como os instrumentos, as possibilidade de atuar, eu conheci a partir do momento que eu li a obra e fui conhecendo como a gente trabalha nessa escola. Mas, por exemplo, o que é ser professor e a minha relação

com o aluno e com o conhecimento já existia antes mesmo da Escola Freinet e quando eu entrei lá eu falei: “Nossa é aqui”. Então tudo aquilo que eu acreditava é possível.

Carol – Sabe, Amanda, é importante pensar que uma pessoa não se faz um bom profissional da educação apenas a partir da instituição que ele trabalha. Eu conheço e acredito que você também o caso de muitos professores que adotam uma maneira mais construtiva de trabalho com seus alunos sem saber que exista um teórico que dê base para sua atuação, que fale sobre isso ou até mesmo sem necessariamente estar inserido numa instituição que defenda inteiramente determinada concepção pedagógica. É claro que a formação do professor, assim como de qualquer outro profissional, deve ser contínua. Em minha opinião, esse profissional tem como dever manter leituras e estudos e deve questionar sempre sua prática no sentido de buscar sua superação. Acho que aí a Escola Freinet que você leciona entra como exemplo, pensando que os professores de diferentes níveis se encontraram semanalmente para grupos de estudos. Eu acredito que é a partir e através de leituras e discussões reflexivas que mudanças serão pensadas, que posturas serão reavaliadas.

Brooks e Brooks defendem que, quando se pensa sobre o termo “educação profissional”, é interessante lembrar que o mesmo se refere não apenas à educação em serviço, mas também à formação de grupos de suporte focalizados no professor, o agendamento de tempo de planejamento comum, assistência a conferências, consultores sejam internos ou externos além de uma capacitação sustentada pelos pares. Todas estas atividades devem ser entrelaçadas por uma mesma visão referente à educação dos alunos. Mas para que isso aconteça é preciso garantir que haja um investimento na “educação profissional”. (BROOKS E BROOKS, 1997)

Pensando acerca dos estudos dos docentes, Hernández afirma ser importante considerar que os professores possuem concepções sobre as formas de ensino e de aprendizagem, além de uma aprendizagem adquirida nas próprias experiências como educandos. Tanto a formação quanto as experiências que possuem fizeram com que esses adquirissem crenças, teorias pedagógicas e esquemas de trabalho. Assim, essas experiências servem para guiar a sua ação e não se modificam somente pela sua formação. Não podemos ser ingênuos e tratar o docente como alguém que aprende no vazio, que parte do zero. É preciso considerá-lo como um profissional competente, reflexivo e aberto à colaboração com seus pares. Faz-se necessário procurar conhecer as concepções e as experiências dele para trabalhar com as propostas de formação continuada. (HERNANDEZ, 1998)

Carol - Há diferença entre as suas aulas nessas duas instituições e, se há, quais seriam?

Amanda - Há diferença sim, uma diferença operacional mesmo que é a quantidade de alunos. Então, em uma escola pública que eu trabalho que o número de alunos é bem parecido com o da Escola Freinet, fica muito mais possível. Mas tem outra escola, na mesma rede, que já é muito maior, em que as salas têm mais de 30 alunos. Nessa eu já tenho dificuldade de realizar o mesmo trabalho. Outra coisa que é diferente é a organização, por exemplo, do trabalho dentro da escola: disponibilidade de material, disponibilidade de espaço, a relação das regras que eu vou estabelecer. Não as regras da sala de aula, mas as institucionais. Isso é muito difícil porque a gestão, embora muitas vezes deseje ser vista como democrática, ela acaba não sendo. Então certas determinações não te dão esse espaço. Eu não posso, por exemplo, disponibilizar material na sala de aula para o aluno, que é uma das coisas que eu acho fundamentais para o projeto Freinet acontecer. A organização de trabalhos em grupo também acaba sendo diferente, assim como os ateliês. Eu uso sim, em vários momentos, a idéia de ateliês, mas eles são muito menos freqüentes do que na Escola Freinet, por exemplo.

Carol - Esses dados que você traz me levam a pensar na realidade da instituição pública brasileira. Tenho a impressão de que estamos andando na “contra-mão” no nosso país. Ao mesmo tempo que temos leis que afirmam e legitimam, por exemplo, o movimento de educação inclusiva em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando, conjugando igualdade e diferença como valores indissociáveis, fortalecendo o papel da escola na superação da lógica da exclusão, implicando, também numa mudança estrutural e cultural para que todos os alunos tenham suas especificidades atendidas, aparecem críticas da mídia e de muitas instituições de ensino particular quanto ao ensino construtivo. Estas afirmam que o melhor a se fazer é o retorno ao ensino tradicional pois até mesmo países europeus já adotaram esse “retorno”. Mas me pergunto para onde iremos retornar, pois nem construtivista o nosso país chegou a ser. Percebo salas de aula com o número cada vez mais elevado de alunos, nos mais diferentes níveis de ensino. Dessa maneira, como se pode dar a atenção que cada aluno merece e precisa para o seu desenvolvimento, seja ele moral, cognitivo e até mesmo afetivo? Como fica a autonomia do professor em meio a isso tudo? O desafio está posto.

Amanda - Mas o que se repete... Acho que a questão de avaliação, o meu olhar sobre avaliação, os critérios que eu utilizo para avaliar, embora o conceito final seja diferente, porque as escolas usam medidas diferentes. Então eu penso em significados equivalentes. Na Escola Freinet é A, B, C, D e E e na escola pública é “satisfatório”, “muito satisfatório”, “plenamente satisfatório” e “insatisfatório”. Mas eu faço questão de que o mesmos critérios

que eu utilizo para avaliar o aluno sejam mantidos em ambas instituições. Por exemplo, faço uso de auto-avaliação, que não é uma prática da instituição pública, mas que na minha aula eu uso. Outra coisa que se repete é a questão da abordagem do conteúdo, o jeito de escolher qual vai ser o conteúdo, de determinar o caminho junto com os alunos, de fazer essa construção coletiva do plano que a gente vai estudar, isso tudo eu levo para a minha prática de aula. A construção das regras de aula então eu digo “Olha diante de determinado problema como é que a gente vai atuar?”, esse diálogo, essa construção coletiva da regra no que diz respeito à aula eu faço muito. Teve um momento, há uns dois anos, em que eu levei uma proposta para a escola de um projeto escrito e colocado para a administração. Era sobre a assembléia e o jornal de parede. Eu implantei esses projetos durante um ano lá, só com as classes que eu dava aula. Até porque, na verdade, a idéia era experimentar como poderia ser feito e depois ampliar para a escola. Então eu comecei lá com três turmas que eram de 6º ano e foi um trabalho super legal, mas que vai esbarrar justamente nisso. Não tem continuidade porque a equipe de gestão muda e então se você quiser implementar alguma coisa você tem que partir do zero novamente. Depois por problemas pessoais eu acabei abandonando o projeto.

Carol - Amanda, essa sua fala só reforça o problema da ausência de continuidade nas políticas adotadas pelas unidades de ensino. Isso só dificulta que o professor continue a tentar novas experiências, a se esforçar, gerando até mesmo um desgaste com conseqüente desânimo profissional, como você mesma me contou. Ao invés de motivar as novas propostas, alguns colégios as dificultam, então caímos no comodismo de culpar os professores dizendo que, porque ganham pouco, não se esforçam.

Bastos defende a idéia de que a gestão democrática restabelece o controle da sociedade civil sobre a educação e a escola pública, introduzindo a eleição de dirigentes escolares e os conselhos escolares, garantindo a liberdade de expressão, de pensamento, de criação e de organização coletiva na escola, facilitando a luta por condições materiais para a aquisição e manutenção dos equipamentos escolares, bem como por salários dignos a todos os profissionais da educação. No entanto, o patrimonialismo, o clientelismo e a burocracia enraizada no sistema político e econômico continuam emperrando as transformações necessárias à administração da educação. Neste cenário, professores, funcionários, alunos, pais e comunidade sentem-se divididos. De um lado os déficits históricos da escola, exigindo uma participação intensa de todos para que a escola funcione, e do outro imposições das secretarias de educação com métodos, processos e técnicas administrativas como condição para o repasse das verbas para a manutenção da escola. (BASTOS, 2000)

Vinha afirma que a construção de um ambiente construtivista, o que a meu ver se assemelha com o idealizado por Freinet, não é uma proposta utópica. Constata-se que professores procuram continuamente adotar esses procedimentos apesar de todas as dificuldades características da realidade de cada escola, seja a carência de recursos e de materiais adequados, a presença de um espaço físico precário e insatisfatório, o número excessivo de alunos ou até mesmo a falta de apoio. (VINHA, 2007).

Carol - Como é que você se sente trabalhando nessas realidades distintas? Isso é pra você um problema?

Amanda - Olha, para o meu trabalho pessoal eu não acho que seja um problema. Eu circulo bem pelas duas instituições. Agora, claro que fica um desejo de que, se as coisas se ampliassem, seria mais fácil. Mas eu faço meu trabalho lá de formiguinha. Então eu divulgo um texto, levo uma publicação, sugiro um tema pra discutir em reunião pedagógica. Eu faço muito essa coisa “militante” mesmo, divulgar o movimento e mostrar para as pessoas como é possível. Mas não me sinto tolhida de “Ai estou na escola pública e não posso atuar como eu gostaria”. Acho que quando você esta na sala de aula a sua ação vai dizer respeito a suas escolhas pessoais mesmo. Tem um lado muito positivo disso e vai ter o lado negativo para algumas pessoas em algumas situações, mas não acho que seja um problema.

Carol - O que é legal nessa sua fala é perceber que você é uma profissional que promove a intervenção de verdade. Propõe leituras, dialoga com o corpo docente na unidade de ensino. Não se contenta apenas em criticar e deixar certas coisas ou conceitos cristalizados, “deixar como está” e culpabilizar seus superiores alegando impotência perante sua situação profissional. Você é o exemplo de professora que faz o possível para não descaracterizar a sua forma de trabalho, pois sabemos que para muitos professores existem conceitos e posturas que são imutáveis, que independem da concepção pedagógica ou se lecionam em instituição pública ou privada. Seriam como premissas que orientam a maneira de enxergar e compreender educação não só como professor, mas como ser humano.

Amanda - Realmente existe o desejo de que a coisa se amplie, mas não vejo isso como uma limitação.

Carol - Uma pergunta hipotética: já que você leciona em uma instituição pública que, apesar dos impasses, como você mesma disse, existe certa autonomia, gostaria de saber se você acha possível, sendo militante da pedagogia Freinet, trabalhar em uma

instituição que “apóie” uma realidade distinta disso, onde você não tenha tanta autonomia. Você acha isso possível?

Amanda - Eu acho plenamente possível. Porque eu acho que o que fica disso tudo, por mais que você tenha que cumprir com determinações, prazos e conteúdos, é a vitalidade da pedagogia Freinet, que está justamente na sua concepção de mundo e de homem. Coisas como “O que eu quero para o mundo enquanto formadora?” “Que tipo de pessoa eu acredito que eu possa contribuir para formar?” Isso como contribuição mesmo, não como determinante. Se você pensa assim, independente da instituição que você esteja, a sua crença na educação e o princípio que você tem vai ser o mesmo, principalmente na relação professor aluno.

Carol - Isso que você falou só corrobora com a idéia de que existem certas posturas que não são como roupas, ora você veste, ora você tira. Em determinado lugar isso é adequado em outro isso não me serve. São posturas que dizem sobre o profissional, sua crença até mesmo pessoal sobre a educação. São posturas que dizem sobre você.

Amanda - Eu acho que se tem um princípio muito claro para você como, por exemplo, essa relação entre o professor e o aluno, em qualquer lugar que você esteja isso se mantém. A atuação desse professor vai ser diferente se existe um cronograma que já é determinado. Esse cronograma você não constrói com o aluno. Se a escola determina qual o conteúdo do ano, você não tem a possibilidade de mudar um caminho mesmo que surja uma questão no grupo e você sinta a necessidade, junto ao grupo, de ir para a esquerda e não para a direita. Essas alterações em algumas instituições não são possíveis. Mas o jeito que você vai construir o conhecimento junto com o aluno, o quanto que você vai “ouvir” o diálogo entre o professor e o aluno, pensando que o educador não é o detentor da verdade, o questionamento do saber científico, levar a realidade para a sala de aula, isso que eu falei independe. Independe porque na verdade é o professor quem vai fazer essa ponte. Não consigo ver que a instituição te “corte”, nesse sentido. Acho que a discussão inicial, quando a gente pensa em uma possibilidade pedagógica, é “qual é o mundo que você deseja, quer construir, acredita. Qual é a sua concepção de homem”. Se você tem isso claro, em qualquer linha pedagógica, em qualquer situação você vai ser isso porque é isso que você é e você é o que você acredita.

Carol – Fiquei muito feliz com a nossa conversa, pois eu acreditei que poderiam haver inúmeras dificuldades quando pensamos nessa dupla jornada, quanto a realidade do professor que é Freinet. Mas você me mostrou que a militância faz com que você não se acomode e tente, claro que no possível, realizar suas transformações e buscar sua autonomia. Essa sua

visão de que somos de uma maneira e uma instituição não consegue “podar” o ser humano que você se tornou é muito significativa.

Segundo Diálogo - Luís

Carol - Conte um pouco da sua trajetória como professor.

Luis - Eu nunca imaginei que eu fosse ser professor apesar de sempre gostar muito de ajudar os amigos na escola. Eu acabei trancando meu curso de graduação em filosofia na Unicamp. O curso exige uma fluência em pelo menos uma língua estrangeira porque, infelizmente, a maioria da bibliografia está em outras línguas. Temos poucas traduções para o português. Então, no meio do curso, eu preferi parar e ir morar em Londres para aprender inglês e coincidentemente no ano que eu voltei, um amigo meu estava querendo morar fora e pediu para que eu desse aula para ele. A gente fez aula durante seis meses, quase todos os dias, e quando ele chegou lá ele me disse que as aulas tinham sido ótimas e que ajudaram muito. Eu fiquei feliz com esse resultado. Era algo que eu não imaginava. Aí eu comecei, por conta dessas aulas, um indicando para o outro, a dar aulas para pessoas que eu não conhecia. Então a questão profissional começou a “pegar” e eu comecei a buscar uma formação por conta própria. Não foi nada formal. Eu busquei livros, palestras. Em algumas escolas tive o apoio da coordenação. Então eu acabei partindo para as escolas, aquelas especializadas em inglês, pois as aulas particulares são muito voláteis. Tem momentos que você tem muitos alunos, tem momentos que você tem poucos e, para algo mais estável, eu optei pelas escolas.

Carol - Realmente é importante essa busca de um aperfeiçoamento contínuo pelo professor e é muito interessante quando o mesmo tem como fonte de apoio os locais em que leciona. É algo importante para o processo de se constituir professor, processo esse que me parece dinâmico e interminável. Há críticas a muitos estabelecimentos de ensino que não favorecem essa possibilidade, mas mesmo quando o espaço oferece condições, seja através de palestras ou grupos de estudos, esbarramos em outro fator que determina a existência ou não desses espaços: o querer dos professores, como esses profissionais recebem esse “incentivo”, que muitas vezes só é caracterizado como um verdadeiro incentivo quando remunerado financeiramente.

Luis - O legal é que chegou um momento em que a escola começou a ficar mais importante pela estabilidade e tal. Além disso, eu comecei a dar aulas de filosofia, matéria da minha formação, em outros colégios. Mas foi o inglês que me lançou na carreira de professor. Eu fui parar na Escola Freinet por uma mera questão do acaso. Não conhecia a pedagogia Freinet, só

sabia que era uma escola com um ensino diferenciado, mas não sabia como e nem tinha idéia. Então, uma amiga que achava que eu tinha o perfil levou o meu currículo pra lá e eu acabei sendo contratado. Sem querer, tudo que eu vinha trabalhando como professor combinava com o jeito de trabalhar da escola e da pedagogia Freinet: lidando com os interesses dos alunos, tentando fazer com que o aprendizado se dê de uma maneira muito mais pró ativa e rizomática do que uma coisa mais fechada, e outras características...

Carol - Atualmente em que instituições você leciona?

Luis - Na Escola Freinet e em uma escola particular de poucos alunos em Campinas. Na Escola Freinet eu leciono inglês no Ensino Fundamental I e II e na instituição particular eu leciono sociologia e filosofia no Ensino Médio. Lecionei, até 2008, em uma escola maior, de rede em Campinas e Americana. Na de Campinas eu lecionei filosofia para o Ensino Fundamental I e II e na de Americana lecionei inglês no Ensino Fundamental I e II por seis meses.

Carol - O que te levou a lecionar nessas instituições e, no caso daa escola particular de rede, o que te levou a sair?

Luis - Na verdade, a mola motivacional é o salário. É claro que em algumas instituições, por exemplo, na escola particular de rede que lecionei por pouco tempo, chegou um momento em que o salário ficou em segundo plano, pois a estrutura que se tinha ali deixava o trabalho inviável eu não conseguia trabalhar os conteúdos, além da questão do uso de apostila. Era incrível porque quando eu dava aula lá eu nada mais fazia que checar se os alunos tinham feito as atividades da apostila e dizer o que eles tinham que fazer em casa. Na aula eu não fazia mais nada, não conseguia, pois em uma sala de 4ª série tinham 45 alunos, eram muitas crianças. Sabe, era inviável. Eu acho que isso é possível numa sala de ensino médio, mas de 4ª série é impossível. Caramba, eu fiquei desmotivado e a escola mesmo não quis me recontratar e mesmo que ela quisesse eu não ficaria, por conta de tudo isso.

Carol - Realmente essa “questão operacional”, se assim podemos chamá-la, é um assunto polêmico na realidade brasileira. Uma sala de Ensino Fundamental I com 45 alunos é de se assustar. Não imagino como você agüentou. Penso em questões do tipo, como dar conta da diversidade, das particularidades se além de um número nada comum de alunos em uma 4ª série você tem a imposição de como deve agir e o que fazer na sua aula? No seu caso, até mesmo a autonomia dentro da sala de aula, apesar da “porta fechada” foi afetada.

Vinha acrescenta afirmando que na área educacional constata-se inúmeras dificuldades que realmente existem e tornam o trabalho do professor complexo e desafiador

como o número excessivo de alunos numa mesma sala de aula, a indisponibilidade de materiais, o espaço físico inadequado, as pressões ou conflitos existentes entre o professor e o especialista da escola, com os pais e mesmo entre os próprios colegas de trabalho, dentre vários outros. Mas esses fatores complicadores não devem ser vistos como inibitórios de uma tentativa de transformação. (VINHA, 2007)

Brooks e Brooks corrobora com a passagem do professor Luis ao discutir sobre o uso das apostilas afirmando ser claro que há anos tem havido uma pressão crescente vinda para tornar a educação “a prova de professor”. Esse pensamento decorre da idéia de muitos professores serem menos competentes do que outros. Sendo assim, deve-se padronizar a experiência dos alunos para que os mesmo não saiam “prejudicados”, requerendo, desse modo, que todos os professores utilizem os mesmos materiais e metodologias de ensino. O primeiro problema dessa forma de pensar é que professores tidos como incapazes de estruturar seus próprios materiais e metodologias de uma determinada maneira são os mesmo que têm dificuldade em implementar currículos e enfoques padronizados. Além disso, essa é uma atitude que, além de não auxiliar, só contribui para acabar ainda mais com a autonomia dos educadores. Podemos, dessa maneira, pensar que sistemas escolares que vêem sua missão como ajustar o currículo à criança geralmente dão aos professores maior liberdade na seleção de metodologias e materiais para a instrução e, por outro lado, sistemas escolares que vêem sua missão como ajustar a criança ao currículo geralmente se prendem ao currículo como sacrossanto e requerem uniformidade de materiais e metodologias, assim como o exemplo citado. (BROOKS E BROOKS, 1997).

Luis - Então, o salário é a motivação maior, mas o que faz você ficar é a sua identificação com a proposta pedagógica da escola. Na escola particular menor em que leciono, a proposta pedagógica existe apenas no papel. Ela foi feita por uma diretora que saiu agora e então cada professor segue a o que acredita como proposta pedagógica. E já que tem essa liberdade, na verdade uma liberdade por uma razão ruim, mas não deixa de ser liberdade, eu acabei em vários momentos a ser mais Freinet dando aula lá que na própria Escola Freinet; talvez por conta dessa liberdade. Eu consegui que, no Ensino Médio, os alunos articulassem um movimento estudantil, um movimento social, para que eles pudessem fazer reivindicações de uma maneira séria para a direção da escola. Bom, isso gerou alguns conflitos porque eles estavam reivindicando e pedindo mudança de coisas que realmente precisavam mudar e claro que isso incomodou. Expôs uma debilidade da escola que a mesma estava querendo encobrir ou não queria ver. Esses alunos aprenderam varias coisas: como é que se faz uma carta, uma

reivindicação. Eles tiveram que pesquisar o regimento interno da escola e hoje eu vejo a diretora querendo realizar mudanças que eles sugeriram. Então eu acho que a mola propulsora é sempre o salário, mas acredito que o que faz você ficar, realizar um bom trabalho e ter a gratificação é ou pela proposta pedagógica ou por essa liberdade de você conseguir trabalhar legal da maneira que você acredita que vá funcionar.

Carol - É Luís, quando o assunto é salário acredito que nenhum professor acabe pensando diferente, mas o interessante foi o fato de você me falar que apesar do salário ser o fator preponderante na motivação, ele não é o único. Torna-se inviável e acredito que não apenas para o professor, mas em qualquer área profissional, trabalhar em um lugar que defenda posturas que você não concorde, que você não compactua. E você, pela postura que você está me contando, mostra também que o “estar em movimento” é importante, pois mudanças podem ser feitas sim, assim como a diretora dessa escola, que a partir de uma intervenção sua com os alunos, passou a escutá-los e acatar certas coisas. Repensar assim normas e regras da instituição.

Carol - Apesar do que você me disse gostaria de perguntar qual das realidades dessas instituições tem maior identificação com a sua concepção de educação e por que.

Luís - A realidade que eu tenho mais identificação é a da Escola Freinet por um motivo simples: porque a própria pedagogia Freinet tenta combater o que ela chama de escolástica. Em palavras simples, a escolástica nada mais é do que aquilo que você só encontra na escola. Onde é que uma pessoa vai conjugar todas as pessoas de um verbo? Só na escola. Aí eu me identifico porque eu penso que a escola precisa preparar a pessoa para a vida, não é?! O vestibular, por exemplo, é uma coisa que as pessoas precisam se preparar, mas devem ter a consciência de que não há vagas para todos na universidade e isso é um dado e não é especulação. Isso é real. Se a pessoa não passa, o que ela vai fazer da vida dela? Acabou a vida dela? Vai entrar no esquema japonês que você não entra no vestibular e comete suicídio? Você não vai ter vida se você não entrar na faculdade? Eu acho que não.

Carol - Esses dados que você está contando são bem relevantes, pois me faz questionar qual seria o objetivo da educação brasileira hoje. Seria a ênfase na preparação para o vestibular, uma prova que ocorre anualmente e dura quatro horas? Seria esse o objetivo apenas das instituições particulares? E para aquelas pessoas que trabalham ou precisam trabalhar assim que se formarem no ensino médio, não ansiando assim o ingresso na universidade? E para aqueles que, mesmo tendo dinheiro suficiente para financiar os estudos em uma universidade

particular, preferem cair no mercado de trabalho? A escola não fará sentido para essas pessoas? A educação está oferecendo um aprendizado para vida?... Eu ainda não vejo um sentido claro!

Luis - E mesmo entrando na faculdade você vai precisar saber que está inserido nessa sociedade que você vive, pra viver melhor do jeito que ela é ou então mudar as coisas que você não concorda, mas mudar de uma maneira profunda.

Carol - Há diferenças entre as suas aulas nessas instituições?

Luis - Com certeza. Mas a diferença se dá muito menos pela proposta pedagógica e muito mais pelo corpo de funcionários. Sabe, o apoio não vem da proposta pedagógica. Ela pode servir como embasamento das suas ações para você justificar para essas pessoas porque você está fazendo aquilo e para que elas aceitem essas atitudes, mas é muito mais pelo apoio e pela concepção que essas pessoas têm.

Carol - Realmente, quando a instituição te dá autonomia, a “verdadeira autonomia”, o trabalho é muito menos estressante, pois você tem pessoas que confiam no que você faz, no seu trabalho, que confiam na sua competência e potencial e isso faz a diferença, independente de uma concepção pedagógica.

Luis - Eu vou dar um exemplo. Ontem eu estava vendo uma reportagem no jornal e pensei “nossa se eu visse essa reportagem há cinco anos, teria pensando diferente”, porque a reportagem era sobre material escolar. Eles falavam dos itens da lista e afirmavam que algumas escolas solicitavam itens absurdos como papel higiênico, copo plástico e outros. Há algum tempo eu pensaria, talvez, como essas pessoas. Acho que a grande maioria pensou: “nossa, é realmente um absurdo”. Mas esse é o tipo de comentário de uma pessoa que não tem nenhum contato com a realidade escolar porque, se tiver, sabe que crianças, ainda mais as pequenas, vão usar papel higiênico pra fazer papel marche. Ele é feito com cola, água e papel higiênico. Então não é absurdo coisa nenhuma. Então uma matéria que inicialmente estaria defendendo o interesse dos pais está na verdade defendendo o interesse econômico dos pais e está acabando com o interesse pedagógico. E aí esses pais vão arrumar uma briga na escola porque não se pode pedir papel higiênico quando os filhos deles vão usar isso na escola.

Carol - Realmente a mídia é campeã de “descascar” as escolas sem ao menos ter um olhar mais próximo do que é educação, do que é infância. Até porque, se eles tivessem essa idéia não teríamos esse bando de propaganda que incentivam o consumo desenfreado no mundo infantil. Mas continue a falar da proposta pedagógica...

Luis - Então, a proposta pedagógica fica como justificativa daquilo que o professor faz para que seja aceito. Por exemplo, por mais que tenha a proposta pedagógica lá, a coordenadora da escola particular pequena em que leciono colocou como se em determinado momento o aluno tivesse que ser punido, quando ele poderia aprender o que ele fez errado simplesmente corrigindo o seu erro e isso traria muito mais benefícios, não só pedagogicamente falando mas para a vida dele. Sabendo que ele pode errar sim e que os erros podem ser corrigidos, ninguém nunca está certo o tempo inteiro. Mas essa concepção da diretora era contrária a concepção que estava escrita no projeto pedagógico. Se eu não me baseasse na proposta pedagógica ela não aceitaria o procedimento que eu escolhi para lidar com o problema. O que eu fiz foi pedir para o aluno corrigir seu erro.

Carol - Esse seu exemplo me adverte ao pensar que, mesmo com a presença de uma concepção pedagógica que vá de encontro com suas crenças, com aquilo que você acredita como educação, mas em divergência com as idéias da direção, o trabalho torna-se mais cansativo. Você é “obrigado” a se explicar a todo o momento, justificar cada atitude, atividade, saída da sala de aula. A motivação desaparece abrindo espaço para o surgimento do estresse. Essa é a impressão que fica.

Carol - Mas para você foi bom ter uma concepção, mesmo que não no papel, pois foi nisso que você pode se apoiar num momento como esse, não é?

Luis - Então, mas é uma questão de concepção mesmo. Na verdade eu usei a concepção pedagógica para justificar meu modo de agir. Eu levei dados para ela, mas como fui eu quem coletou esses dados, eles não teriam credibilidade por causa da estrutura de poder. O professor não pode saber mais que a coordenadora, então é como se eu tivesse apelado para algo maior, que está acima dela, que era a proposta pedagógica. E tenho a impressão que isso seja uma coisa que está infiltrada em todos os campos na nossa maneira de pensar. As pessoas não analisam as coisas como elas são. Elas primeiro querem saber quem foi que falou. As pessoas não analisam se o que você está falando corresponde com dados da realidade ou se é coerente ou se isso pode trazer os resultados que você está afirmando. Uma coisa sou eu falando que é muito melhor o aluno aprender, corrigir o erro dele, porque ele não se cobra tanto, aprender com os próprios erros, fica mais humilde e deixa de achar que tem que ficar escondendo coisas, deixa de ser um aluno dividido entre o que as pessoas esperam dele e o que ele é. E do outro lado está o senso comum de que “fez tem que ser punido”, porque ele só vai aprender pelo medo da punição. Então uma coisa é eu falar isso. Outra coisa é eu falar pra ela que a proposta pedagógica diz isso, como se a proposta estivesse acima dela.

Carol – Então, em sua opinião, o corpo docente é como um fator “determinante” para a realização de um bom trabalho, muito mais que o projeto pedagógico, certo? Acredito que o alinhamento do projeto pedagógico escrito com a prática cotidiana é essencial, porque além de você ser aceito pela coordenação e direção, ganha a confiança de professores e funcionários. Sem um ambiente favorável, a impressão que se têm é que não há verdadeira liberdade.

Vinha constata que o que acontece algumas vezes e gera insegurança no trabalho docente é que muitos especialistas em educação, coordenadores e diretores, invalidam aquilo que o professor conhece, dizendo que tal procedimento não é certo, que determinado método é ineficaz, que sua postura deveria ser outra. Mas ao desqualificarem ou questionarem o trabalho do educador, nem sempre apresentam uma opção para substituí-lo, uma alternativa ou um instrumento que auxilie sua prática pedagógica. É a crítica pela crítica, prática essa que nada contribui para um trabalho construtivo e por fim gera insatisfação para ambas as partes. (VINHA, 2007)

Luis - Então a questão da proposta é legal, mas nem sempre o discurso e a teoria correspondem a prática. Pensando assim, eu me identifico muito mais com a maneira da Escola Freinet não só pela proposta pedagógica, mas muito mais com o modo que esta proposta pedagógica é aplicada lá. E mesmo assim ela não é aplicada 100%. Tem suas falhas e se você parar pra pensar, a Escola Freinet tem mais de 20 anos. Que ela tivesse 100. O corpo docente vai se renovando e isso aí vai ser eterno.

Carol - Pensando mais sobre a sua aula, o que você apontaria como diferenças entre as instituições que leciona?

Luis - Olha, se fala muito que a escola tem que mudar o jeito de ser dela. Tem muita gente que diz isso por conta de modismo e tem gente que fala isso porque está vendo que a escola como está não tem resultado e ainda tem gente que fala isso por causa de uma determinada proposta pedagógica. Então eu acho que você vê que o apoio que se dá a isso vai depender da motivação dessa fala. Por exemplo, a minha aula na Escola Freinet é uma certa aula porque lá eu tenho o apoio da estrutura da escola e dos funcionários que entendem ou confiam. Podem não entender na hora, mas confiam no que eu estou fazendo para realmente dar uma aula baseada nos interesses dos alunos. Então se eu precisar pegar o aparelho de som, tirar um cópia de alguma coisa, levá-los a informática ou dar uma volta com os alunos pela escola, eu tenho um respaldo e esse respaldo eu não encontro na outra escola particular que leciono atualmente.

Carol - Como cada um faz o que quer, parece que quando alguém foge do tradicional, “sai da sala de aula”, esse profissional é repreendido, como aconteceu com você. Existe sim “autonomia”, mas enquanto a porta estiver fechada. Não há uma proposta compartilhada e compreendida e, então, se algo sai do que aquela determinada instituição acredita como sendo o “limite”, surge como consequências as restrições, o corte dessa pseudo autonomia. Parece que se a proposta é “comum a todos”, mas não é explícita, é isso que ocorre com o profissional se abre espaços para a discussão do tipo de pedagogia que ele defende, de seus métodos e suas condutas. Pensando nesses exemplos que você deu nas diferentes instituições de ensino que leciona, até mesmo a ausência da teoria, de uma proposta pedagógica, não significa automática autonomia. Nem mesmo a presença de uma proposta garante um trabalho sem inúmeras intervenções por parte da gestão.

Luis - Porque a própria mentalidade da outra instituição particular que leciono em relação a educação não permite isso e a ausência desse apoio faz com que a aula fique muito diferente. Muitas vezes eu tive que lutar para dar uma aula do jeito que eu queria e bater de frente com algumas coisas da escola por conta disso.

Carol - Pensando em tudo isso que você está me contando, queria saber o que te mantém lecionando nessas instituições?

Luis - Bom, primeiro é o salário. Eu preciso sobreviver e infelizmente, pelas minhas reflexões, eu responsabilizo os cursinhos e as escolas que nasceram dos cursinhos, que abriram como cursinhos e viraram ensino médio e depois fundamental, por estabelecerem uma filosofia que é a seguinte: a gente vai pagar uma hora/aula menor, mas vai te dar mais horas/aula, ou seja, você faz com que a pessoa trabalhe mais para você pelo mesmo preço. Então antes você ganharia 30,00 reais a hora aula e hoje você ganha 15,00 reais ou 20,00 reais, mas você vai ter o dobro de aulas. Pensando assim, o seu salário final é o mesmo, mas você tem que trabalhar mais para isso.

Carol - Você me advertiu sobre um problema real que eu não tinha me dado conta. Realmente se o professor tivesse um salário maior, mesmo tendo que se dedicar mais àquela escola, ele teria possibilidade de realizar um trabalho com menos estresse e mais profundidade naquilo que a própria instituição propõe. Há um desgaste físico e emocional, sempre no campo da defesa, além da “obrigação” de aceitar muitas coisas por questões de sobrevivência. Isso é válido para as todas as instituições.

Luis - Infelizmente eu não tenho condições de me manter dando aulas em uma escola só, gostaria muito. No caso da Escola Freinet isso só poderia acontecer com o aumento de horas/aula mesmo, porque eu dou aula para todas as turmas, sendo que o trabalho lá qualitativamente é mais difícil. Temos que estar atentos as diferenças dos alunos, eu tenho que estar pronto para fazer coisas que outros professores em outras escolas não aceitariam fazer como, por exemplo, levar um aluno cadeirante ao banheiro. Alguns professores em algumas escolas não se sujeitariam a isso e a coordenadora daria plena razão para ele.

Carol - E como é que você se sente trabalhando nessas realidades, não sei se distintas? Esse fato, para você, é ou foi, em algum momento da sua carreira, um problema?

Luis - Primeiro é legal falar que as realidades são distintas mesmo, em vários aspectos: nível social dos alunos, o corpo docente tem uma formação diferente, a concepção de educação nas duas escolas é diferente, o jeito que a escola se organiza fisicamente e conceitualmente é diferente. E a gente tenta levar essa pedagogia para a outra escola, só que eu acho que a educação faz parte da cultura e a cultura é uma influencia mútua de tudo quanto é lado para tudo quanto é lado. Então, ao mesmo tempo em que a gente tenta levar coisas da Pedagogia Freinet para outras escolas, quando acontecem coisas interessantes em outras escolas a gente tenta levar para a Escola Freinet e nesse sentido elas têm algo em comum: elas são bem resistentes ao que é novo, todas as duas.

Vinha nos lembra quão difícil é “mudar” uma crença em uma determinada forma de se ensinar. Porém, o estudo e a dedicação auxiliam esse processo além de contribuir com novas formas de intervenção no espaço de trabalho. Afirmo assim a importância da formação continuada, pois quando mantemos nossos estudos, criamos argumentos mais sólidos para enfrentar possíveis problemas e para legitimar nossa prática. Criamos, mesmo que não tão consciente, uma segurança para dialogar com os outros e também uma segurança de que estamos seguindo o caminho “certo”, pautado em coisas que acreditamos. (VINHA, 2007).

Luis - A impressão que eu tenho como professor é que a gente só consegue fazer um trabalho diferente a partir do momento em que você tem uma crise na escola e as pessoas ficam conscientes de que uma mudança precisa ser feita. São essas as chances que aparecem em que você tenta levar o que tem de bom em uma e outra para realidades diferentes. Falar “Olha, lá funciona assim, bem que a gente poderia testar aqui, por isso e aquilo”.

Piaget fala da Homeostase e a Homeorese; como a “lei” do equilíbrio e desequilíbrio; condição essa segundo a qual a escola só vai pensar em modificar algo na sua estrutura, seja ela física ou pedagógica, quando enfrenta uma crise, quando entra em desequilíbrio, sendo assim obrigada a mudar. A crise é quem abre espaço para a mudança. Nós, seres humanos, tendemos a buscar a estabilidade, precisamos de um desequilíbrio para a transformação. (PIAGET, 1973)

Vinha nos traz dados afirmando que na maior parte das vezes não existe um ambiente com condições propícias, favoráveis para a realização de um “ótimo” trabalho. Mas existem escolas onde o ambiente físico e social é excelente e que, mesmo assim, o professor não consegue realizar um “bom trabalho”. Pode-se afirmar que a maioria dos educadores enfrenta empecilhos e problemas de toda a ordem, uns mais, outros menos. As entrevistas com esses educadores vêm corroborar que, apesar das dificuldades, essas não devem se tornar justificativas “paralisantes” para que não se modifique uma prática pedagógica, para que não se empenhe em realizar um bom trabalho em cima do que você acredita como educação. É a chamada “desculpa verdadeira”, que justifica e mantém uma situação, mas que impede que essa mesma situação possa ser alterada. Em vez de aprender e crescer com as dificuldades, adaptando e criando, o profissional se acomoda, justificando e esperando condições mais favoráveis para poder realizar as modificações necessárias para a transposição de algo que foi estudado ou para a construção de um ambiente cooperativo. Por mais que as mudanças só sejam aceitas ou pelo menos pensadas em momentos de crise, alguns professores carregam suas idéias e vivem a tentativa e espera de momentos como esse. (VINHA, 2007)

Luis - Tem um problema aí que é o abandono. Ele aconteceu na instituição particular de rede muito mais pela ausência de suporte das pessoas dentro da escola do que pela concepção pedagógica. Porque eu, por exemplo, demorei um ano para conseguir discutir o texto “A escola democrática” em uma reunião pedagógica e foi feito um lobby para que esse texto fosse para a reunião. Foi feito um lobby e houve uma crise. Nós achamos que algumas coisas teriam que ser mudadas porque tivemos alguns problemas e aí eu insisti para que fosse lido esse texto. Então nesse ponto não é muito diferente. Da mesma maneira que você tem o currículo implícito e o explícito, você tem a concepção pedagógica implícita e a explícita e essa concepção pedagógica implícita está exatamente no corpo docente, nos funcionários, na direção e na coordenação. Então o abandono é muito mais por essa falta de apoio, principalmente em momentos de crise. O abandono em si pode até ser considerado seu, mas entre aspas, porque você abandona por já ter sido abandonado pela escola.

Carol - A escola abandona mesmo, mas ainda resta ao professor fazer alguma coisa, como você fez. Imagino que seja difícil ser “político” o tempo inteiro. Se determinado professor tiver uma proposta melhor em todos os sentidos, como o financeiro, psicológico e quanto à proposta pedagógica mais adequada ao que ele acredita, ele não trocaria de emprego? Dificilmente ele não trocaria... Mas a impressão que fica é que na instituição pública a responsabilidade de “mudança” é muito maior que na particular. Na particular você dança conforme a música. Na instituição pública você tem um respaldo do concurso, não é só estar efetivado, o estatuto nos aprova por ser professor. Sem falar na obrigação cidadã de aperfeiçoar e melhorar a “coisa pública”, pois essa educação é de todos, não se deve medir esforços. Na particular, você tem como garantia um contrato de trabalho, você luta para quê? Para idéias de alguns donos para um determinado grupo de pessoas, que muitas vezes visam o lucro pessoal. Na instituição pública o lucro é do governo e acreditados que esse lucro, muitas vezes, pode ser revertido em aperfeiçoamento dos serviços. É como se você trabalhasse para você. O importante é não desistir logo de cara das mudanças, mas também lembrar que por trás de um papel político, que é ser professor, existe um ser humano com seus limites.

Luis - Eu acredito que, mesmo sozinho, posso efetuar mudanças. Mas, a partir do momento que a escola inteira te isola, é como se você ficasse dando murro em ponta de faca, você não vai causar mudança nenhuma. Você fica estigmatizado e a partir daquele momento você vai ter que ter um trabalho em dobro. Primeiro o trabalho para você retomar a imagem de um professor “normal”, e aí quando retomar a imagem você volta a introduzir, novamente e de maneira paulatina, nesses momentos de crise, as mudanças que você acha que você pode introduzir. Então eu acho que o abandono é muito mais por isso, pela concepção pedagógica implícita e não a explícita.

Carol - Tudo isso que você está me contando, em algum momento, gerou um problema? Seja no âmbito pessoal seja no profissional?

Luis - Isso gerou sim. Quando eu dava aula de filosofia na escola de rede em Campinas, eu acabei batendo de frente com a concepção pedagógica deles. É porque, na verdade, eu tinha duas coordenações: a coordenação da escola e a coordenação de área, filosofia. Naquela época a filosofia era uma matéria nova e o dono da franquia estava investindo muito forte porque eles achavam que seria o diferencial dos alunos, não só da escola, mas um diferencial para passar no vestibular. Era algo como “A filosofia como desenvolvimento das competências

intelectuais”. Eu tinha um posicionamento alinhado com o da coordenação de filosofia, só que era completamente oposto ao posicionamento da coordenação geral da escola.

Carol - Caramba Luis, quando a própria instituição assume posicionamentos não só dicotômicos como divergentes, fica bem complicado, não é mesmo? Imagino que tenham surgido questões como quem seria seu verdadeiro referencial; se você realmente teria alguém te apoiando e outrem te criticando, isso para o mesmo tipo de conduta. É realmente um problema quando a própria escola não fala a “mesma língua”.

Luis - Isso gerou problemas pessoais para mim na escola porque criou uma perseguição com aqueles que estavam alinhados com a proposta pedagógica da coordenadora e aí deu problema. Porque como eu tive uma proposta para trabalhar na Escola Freinet, que até salarialmente era melhor do que a da escola de rede em Campinas, eu preferi largá-la e aceitar o convite da Escola Freinet e assim criei uma inimizade, pois o meu coordenador já tinha segurado minha barra uma vez. A coordenadora geral já tinha pedido a minha demissão e ele me defendeu. Disse que não, que eu era competente, que eu deveria ficar lá e por causa disso eu fiquei mais seis meses. Logo depois pedi demissão. Então, no fundo, ele que tinha me segurado lá porque sabia que eu poderia colocar o projeto pedagógico que ele acreditava em prática. Ele, entre aspas, me perdeu e assim esse colégio me mostrou que não tem uma proposta pedagógica definida. Agora sobre os conflitos, o que eu posso te dizer ouvindo também outros professores, é a questão do salário. O professor precisa dar aula em outros lugares, não tem outra escola que tenha como base a Pedagogia Freinet, então ele fica naquele lugar, engole os sapos que ele tem que engolir e, creio eu, ele tenta mudar aquilo que ele consegue mudar. Agora sem querer ser pretensioso, mas meu caso foge um pouco. Eu falo isso porque eu sempre gostei de coisas diferentes. Não é a toa que eu escolhi a filosofia como formação. Então para mim não é um conflito interno muito grande porque eu fico vendo como essas propostas pedagógicas diferentes funcionam e, como eu te disse, eu tento trazer as coisas de um lado para o outro. O problema é quando a proposta pedagógica que você está te obriga a fazer uma coisa que é exatamente o oposto daquilo que você pensa. Mas nem sempre é assim, são casos extremos.

Carol - Você me faz lembrar a idéia de que o professor não deve se acomodar com a argumentação de que fica de mãos atadas ou “impotente” quando trabalha em uma proposta pedagógica diferente da sua. A sua fala me deixa muito feliz pelo fato de ficar bem claro que a concepção não é determinante para um bom trabalho. O problema surge de verdade quando

um profissional se vê literalmente obrigado a agir de uma maneira que ele não acredita e que ele luta para ser diferente, imagino eu.

Fernández afirma que em casos de frustração com o trabalho como docente podemos observar a lamentação como justificativa comum entre esses profissionais. Nós recorremos à queixa para descrever uma suposta “análise da nossa realidade” mas, na verdade, essa lamentação pode ser vista como uma armadilha, pois se limita a um lamento impotente que confirma e reproduz um lugar de dependência, apenas. A real armadilha consiste na crença de que se está usando o juízo crítico, de que se está pensando ou analisando uma situação quando somente se está convalidando a mesma. O juízo crítico, o pensar implica necessariamente uma transformação no mundo interno que pode gerar uma transformação maior ou menor no mundo externo. A queixa, pelo contrário, imobiliza.

Assim, a autora considera tal queixa como lubrificante da máquina inibitória do pensamento, pois ao invés desses profissionais procurarem soluções alternativas para as dificuldades encontradas, alguns se restringem a praticar essa forma de “combate” que é a lamentação. É uma maneira de expulsar a “violência” que não se pode mais engolir, funcionando muito mais como uma transferência de responsabilidade ou uma acusação dirigida a alguém. Fernández ainda ressalta que, para muitos educadores, a queixa constitui uma transação, uma maneira que utilizam para denunciar o seu mal – estar. Mas ao mesmo tempo em que lamentam, estão fortalecendo e ampliando a situação que esse mal estar originou, pois essa postura garante que nada mudará. Assim, do mesmo modo que a queixa do educador pode ser um sintoma de insatisfação, uma maneira de denunciar seu aborrecimento, esse instrumento declara que tudo ficará tal como está. Apesar disso, acredito que os profissionais da educação vivem situações sérias de frustração, humilhantes, como as citadas nas entrevistas, na presença de um constante estresse além da instabilidade do trabalho na instituição privada, onde não há um contrato seguro. Sugiro que nos coloquemos no lugar dos docentes antes de julgá-los, sugiro que vistamos a sua pele para tentar compreender essa profissão, já afirmada por Freud como impossível. (FERNANDEZ, 1994)

Luis - Por exemplo, eu sou absolutamente contra punição mas a favor da consequência. Se um aluno fez uma coisa ele tem que ter a consequência daquilo e o significado de consequência é um pouco diferente do de punição. Então, quando a escola te obriga a punir e você não acredita nisso, aí sim é um belo problema, porque você está a serviço de uma coisa que você está lutando contra. E talvez seja isso que te impulse a querer introduzir mudanças naquele contexto escolar e é aí, também, que podem aparecer os atritos e o corpo docente e a

coordenação te abandonam ou te isolam. E tem mais, talvez isso possa gerar o futuro abandono daquela instituição! Mas o que eu faço e pelo que eu vejo os outros professores fazendo e falando é que a gente sempre tenta introduzir essas mudanças no limite que isso não te cause um desgaste dentro da escola, até o limite em que a escola agüente o novo. Tem gente que não agüenta, então tem que ir educando. O professor tem que ir educando o aluno e a coordenação. No caso da escola particular que leciono atualmente, foi a palestra que eu dei sobre o livro “Escola Democrática” e essa situação foi ótima porque várias coisas que não estavam tão claras passaram a ficar. Isso graças aos professores terem se posicionado, porque eles ficaram tão indignados com o que eu trazia que eles resolveram falar, trazer os pontos de vista. A concepção deles é a de que a escola tem que instruir, dar conteúdo e quem educa é a família. E aí eu falei “Mas, só um momento, atrás dessa idéia tem uma premissa que é: todo mundo tem a mesma educação em casa e isso não é verdade. Se você pegar duas famílias com religiões diferentes, quem é que vai fazer o papel de dar ‘educação’ para que essas duas famílias, na sociedade, consigam conviver com pontos em comum? Isto é, o papel da escola não é só instruir, então a escola tem que educar também, tem que falar pra ele como é que ele vive em sociedade independente da religião que ele siga, independente da visão política que ele tenha. Ele vai viver numa sociedade com idéias diferentes, visões políticas diferentes, como é que ele vai viver? Quem vai falar isso para ele? A família dele? Acho que não. A família dele não sabe como é uma família muçulmana, por exemplo.”. Então eu precisei desse argumento. Essa escola está, de certo modo, em um momento de crise, principalmente de comportamento dos alunos e isso estava atrapalhando o rendimento deles. Fora outros problemas que depois vieram a dar no que deu, que era a evasão de alunos porque os próprios alunos, não eram pais, diziam que não dava para estudar mais ali.

Carol - Sabe Luis, apesar do abandono à aquela instituição, você me mostrou um professor bem persistente, colocando-se nas discussões, dando a cara a tapa, participativo e está sim conseguindo mudanças. Talvez as mudanças que você esteja promovendo não “apareçam” tão rapidamente, mas os seus diálogos com os professores podem gerar reflexões. Com certeza irão e essas reflexões fazem com que esses educadores repensem suas atitudes e então, quem sabe, nos leve a mudança.

Luis - Então eu consegui, pelo menos para aqueles professores, passar essa idéia que é exatamente o contrário que eles pensavam. Mas eu queria ter feito outras coisas que eu tive que segurar porque eles não iriam agüentar. Isso é tão verdadeiro que em outra situação uma

professora disse “eu dou aula aqui há 10 anos. Quem é esse garoto pra vir e dizer como é que eu tenho que resolver o problema?” Então não era uma questão pedagógica, já era uma questão que foi levada para o nível pessoal.

Terceiro Diálogo - Sara

Carol - Conte um pouco da sua trajetória como educadora.

Sara - Bom, eu dou aula há mais de 21 anos e sempre lecionei em escola pública. Fui efetiva do estado em duas disciplinas e já dei aula em cursinho também. E então um amigo meu me indicou para a Escola Freinet. Estavam precisando de uma professora substituta, aí eu acabei indo e fiquei. E o que é legal da minha postura inicial quanto à pedagogia Freinet é essa possibilidade de eu ter liberdade de fazer e de buscar o conhecimento junto com os alunos. Não é uma coisa fechadinha em que eu tenha que dar o conteúdo e boa. Embora a gente se preocupe bastante com o conteúdo, eu tenho a liberdade de falar assim: “Eu não vou terminar o conteúdo esse ano”. No meio do caminho eu vou conforme os alunos vão se interessando por um determinado tema. A gente vai viajando mais em certo assunto, pega outras direções, então eu não tenho que cumprir o programa a risca, fechadinho, como acontece nas outras escolas, não é. Na escola pública do estado, onde eu dei aula, que não tem também um programa rígido, eu tinha um pouco mais de liberdade para fazer um pouquinho da pedagogia Freinet, alguns dos seus instrumentos. Mas vou dizer que isso depende muito da direção da escola, o quanto que ela te dá de liberdade para você trabalhar de uma determinada maneira ou não. Então, em determinadas direções da escola, eu conseguia desenvolver um trabalho legal de sair de sala de aula, de fazer pesquisa em pátio, de fazer aula passeio, e com outras diretoras que nem a biblioteca eu podia usar. Você percebe que a gente fica muito dividida sobre quanto você vai trabalhar ou não.

Carol - Realmente o trabalho do professor acaba comprometido devido ao posicionamento de algumas direções. Resta a impressão de que, enquanto a porta da sala de aula está fechada, sua autonomia é real, mas quando o professor propõe algo diferente ou acaba “se mostrando”, levando para fora da sala de aula seu posicionamento, sua criatividade e conseqüentemente uma boa relação com os alunos, isso incomoda, sai do básico. Pelo que você disse, as coisas também são assim contigo. As direções que conseguem respalda mudanças propostas pelos professores e que estão calcadas em inovações políticas atualizadas de educação, propostas novas de trabalho, práticas que rompem com o tradicional modo de ensino constituem uma

força grande para o professor que busca acompanhar as mudanças sociais, teóricas, tecnológicas no seu trabalho.

Sara - E então, quando eu entrei na Escola Freinet, a minha grande pergunta era: “Será que essa pedagogia dá certo?”, “Tem gente que saiu daqui e deu certo lá fora?”. Eu me perguntei isso porque eu estudei em escola tradicional e é um choque, sabe?! E então a gente começou a fazer grupo de estudo sobre a pedagogia Freinet. Eu sempre participei e sempre li bastante e na minha formação eu não tive a pedagogia propriamente dita e nem áreas pedagógicas direito. Foi muito simples o que eu li e aprendi, imagine que passei por algum pensador! Freinet, Piaget, Vygotski, não vi nada disso. Eu fui começar a estudar mesmo quando eu entrei na Escola Freinet e então, nos grupos de estudo, a gente foi escolhendo os pensadores. Primeiro o próprio Freinet, depois Paulo Freire e aí foi quando eu comecei a entrar e “ver” e perceber que a coisa realmente dava certo para alguns alunos, aquela maneira de entender a educação funciona de forma adequada. Na minha concepção é assim, tem alunos que precisam de escola muito tradicional, muito fechadinha, e tem alunos, principalmente adolescentes, que precisam dessa liberdade de buscar o conhecimento, essas outras formas de tentativa de buscá-lo.

Carol - Isso é muito real Sara. Assim como defendemos as diferenças, não podemos cair em uma cilada de acreditar que determinado método é o melhor sempre, mas sim o melhor para aquela ou essa pessoa. Tem aluno que não suporta um ensino aberto, tem aluno que acredita que o lugar do saber está no outro e não neles e essa situação não é fácil de lidar. Além disso, essa sua fala vem corroborar a importância do incentivo ao estudo dos professores, assim como a postura participativa dos mesmos.

Kamii diz, em seus trabalhos, sobre a insegurança dos professores diante de um novo caminho em que não há receitas prontas nem “manuais de instruções” a serem seguidos. É muito mais fácil e menos arriscado colocar em prática o que o especialista sugeriu que devesse ser feito, seguir religiosamente a seqüência do conteúdo que deve ser “dado”, pôr em prática os passos de um projeto elaborado por outrem, seguir as instruções de um manual do professor; dar aulas expositivas ou lidar, ater-se somente ao livro didático, distribuir apostilas e folhas de exercícios. A autora esclarece que a “busca” da autonomia como objetivo educacional é desejada por alguns pais, professores e autoridades. Porém, a grande maioria prefere a abordagem tradicional do já experimentado e aprovado. Assim como quando fomos educados pelo método tradicional surge a insegurança ou mesmo a dúvida de trabalhar com um método diferente. É um verdadeiro desafio. (KAMMI, 1976)

Bellan afirma que, para Freinet, o papel do professor é o de permitir que os alunos tomem decisões e que, acima de tudo, sejam responsáveis pelas atitudes assumidas, refletindo suas conseqüências. O verdadeiro educador não se utiliza da hierarquia para adquirir respeito e confiança. Ele acredita que a transmissão de conhecimentos é uma relação de valorização da livre expressão. Para esse pedagogo, era fundamental existir entre professor e aluno o respeito mútuo nas realizações das atividades, na colaboração para possibilitar o crescimento individual, a apropriação dos conhecimentos e o aperfeiçoamento contínuo. (BELLAN, 1998).

Carol - Então você não leciona mais na instituição pública?

Sara - Lecionei a vida toda, mas esse ano não. No ano que vem eu volto novamente.

Carol - E considerando essa experiência e o contato que você teve com as instituições, gostaria de saber em qual delas você tem maior identificação.

Sara - Na Escola Freinet. É um lugar assim que a gente sente a diferença. Eu andava pensando “ah eu tenho que dar aula no estado hoje”, sabe?! Assim, uma má vontade, uma indisposição de ir. Você vai, você faz o melhor de si, mas não é um lugar gostoso de trabalhar.

Carol- Pensando nessa “vontade” que você está me contando, eu imagino que seja muito difícil, quase impossível, exigir uma postura exclusivamente política do professor sem pensar que isso afete não apenas sua faceta profissional, mas também pessoal. Acho que nós não podemos ser ingênuos e acreditar que depois de toda dificuldade que você passa, a perda da autonomia, o constante questionamento da prática, você continua motivado. Quando pensamos em Ética, o conceito está justamente nas atitudes. Apesar de um determinado sentimento negativo acerca da situação que se vive no ambiente profissional, continuo a realizar meu trabalho da melhor maneira possível. E isso me parece ser o que você sente nessa “dupla jornada”.

Sara - Onde eu me realizava e realizo profissionalmente era e sempre foi na pedagogia Freinet. Por essa liberdade, tanto para os alunos quanto para a gente trabalhar. Então, em termos de disciplina, a matéria é a mesma que eu tenho no estado, sempre foi igual. Mas a liberdade de trabalho, tanto para os alunos quanto para mim, isso faz uma diferença muito grande.

Ferreira afirma que as idéias centrais de Freinet orientam-se em torno de quatro princípios: a **livre expressão**, a **cooperação**, o **trabalho** e a **autonomia**. Em minha opinião, esses são os eixos fundamentais que apóiam a prática e merecem considerações. Esses

fundamentos devem ser praticados para além dos discursos, como “estruturas de um edifício”. Esses pilares são complementares e ligados entre si. (FERREIRA, 2008).

Carol - Bom, pensando nessa presença e ora ausência de liberdade, gostaria de saber se há diferenças entre as suas aulas nessas duas instituições.

Sara - Ah, no fundo há. Tive alunos no estado que falavam “Nossa professora, você não precisa explicar não, só diz onde é que a gente tem que copiar” e eu dizia “Não, mas vocês não vão copiar, eu vou explicar, a gente vai trabalhar o assunto, eu vou passar o filme e a gente vai discutir. Vamos fazer uma roda juntos...” e ele continuava dizendo “Não não dona... Não precisa, fala só onde a gente tem que copiar”...

Carol - Por mais que, para um professor “ser” Freinet, ele não precise que a escola toda adote uma mesma postura, fica explícito que é muito mais difícil pensar em oferecer um estilo diferente de aula, uma relação diferenciada com o aluno, uma relação “nova” com o próprio saber quando todo o resto marcha contra esses princípios, quando defendem ideais contrários. Imagina como fica quando você trabalha com outros educadores que sustentam a idéia de que as aulas devem ser expositivas mesmo, que quem ensina é o professor e que se o aluno decorou, já fez o que deveria, pois esse é seu papel. Fica claro que está posto para esses alunos uma determinada concepção de ensino, de aprendizagem, de relação com o conhecimento e com o professor, que só se fortifica pela postura dos outros que ali lecionam e coordenam.

Sara – Então, quando cheguei aos últimos anos, antes mesmo de sair esse ano, eu já estava estressadíssima com a forma como os próprios alunos vinham chegando, que não dava mais para eu dar aula. Sabe, eu não posso compactuar com eles irem lá para copiar e só e era uma briga diária.

Brooks e Brooks referindo-se a esse assunto, afirmam que as escolas estão cheias de alunos que foram acostumados a desvalorizar o raciocínio, a se sentir desconfortáveis com a idéia de aprofundamento de qualquer coisa que vá além da rápida cobertura do currículo como perda de tempo (quando não o próprio currículo é visto dessa maneira). Eles “estudam”, pois muitas vezes são incentivados a acreditar que decorar ou copiar é sinônimo de estudo, realizam as provas, recebem suas notas e ficam satisfeitos com esse processo. (BROOKS E BROOKS, 1997).

Carol - Então me explica melhor como é que aconteceu todo esse processo da sua saída.

Sara - Foi por causa disso. Porque eu não conseguia apoio da direção da escola para trabalhar da forma que eu acredito como sendo a adequada, para eu realmente trabalhar com os alunos. Não dava, não tinha mais como. Eu não podia usar a biblioteca e quando eu combinava com a direção de usar a informática, eles pareciam concordar com todo o combinado que a gente estruturava e quando chegava o momento de levar os alunos eles afirmavam que não tinha como, que não podia. O professor que lecionava na sala do lado não conseguia organizar a classe, então eu organizava a minha sala, saía e ia até a sala dele, organizava a classe dele e falava: “pronto professor, agora você pode dar aula”, e então voltava para a minha.

Carol - Como eu comentei com você anteriormente, o professor não é apenas um sujeito político dotado de responsabilidade social, mas é também um sujeito que faz parte desse social e sente “na pele” os problemas educacionais. Imagino que essa sua situação não deva ser nada fácil...

Sara - Houve anos em que eu precisei parar de dar aulas de ciências e dar aulas de matemática, porque o professor de matemática, além de faltar muito, não estava ensinando nada que os alunos pudessem entender. Então meu pensamento foi o de que ciências eles conseguem ler e interpretar alguma coisa, mesmo sozinhos, matemática não, precisa estar ali. São essas coisinhas no estado que foram me desgastando e aí eu pensei: “Não, eu realmente preciso dar um tempo”.

Carol - Então, pensando no que você esta me expondo, essas diferenças da sua aula se dão mais pelo fato de que na instituição pública você tinha uma direção que não apoiava aquilo que você compactuava como pedagogia?

Sara - Isso, para a direção da escola eu tinha que estar dentro da sala de aula e os alunos quietos. O engraçado é que o que eu fazia ali dentro para que os alunos trabalhassem, não tinha importância nenhuma. Mas, para mim, a questão é muito maior do que ficar lá dentro da sala. Se eu ia para o pátio para analisar uma folha, alguma planta, eu não podia. Ou ir a biblioteca buscar informações em outros livros também não podia.

Carol - Novamente a ausência de um projeto pedagógico sólido pode fazer com que a autonomia só seja verdadeira quando a porta da sala está fechada, quando não se incomoda ninguém, quando a sala não é acessível ao olhar do outro. Caso contrário sua autonomia terá “limites”. Imagino que seja difícil trabalhar em um clima desse.

Sara - E no meio disso tudo eu não ficava quieta, então eu ia para a escola já sabendo que eu ia brigar. Sempre fui de embate e foi aí que eu comecei a ficar doente. Eu literalmente fiquei

doente. Foi então que eu pensei que não dava mais, eu preciso cuidar da minha saúde, cuidar de mim e aí eu decidi sair.

Carol - Você falou, durante a nossa conversa, que vai voltar para o estado, voltar a dar aulas lá. Gostaria de saber, apesar do que você me contou, o que te mantém com essa vontade?

Sara - É que existe a possibilidade, agora, de me mudar de escola. Como eu era efetiva, eu tinha que ficar naquela determinada escola. Como eu tive que conciliar horários com a Escola Freinet, lá eu tinha a vantagem de ser a primeira a escolher as aulas, sem falar que era perto da minha casa. Então agora eu não estando mais naquela escola, eu não sei onde eu vou cair, qual é a aula que eu vou pegar. Mas eu tenho mais liberdade de escolha, inclusive em quantidade de aulas. Lá onde eu dava aulas, eu tinha que pegar um determinado número de aulas por ser efetiva, então só essa alteração já dá uma aliviada. Pra mim, hoje, dar aulas no Estado envolve uma questão financeira mesmo. Faltam cinco anos para que eu me aposente. Vou me aposentar no estado e me aposentar no INSS, que são duas contribuições a mais depois da velhice. Então tem outros critérios aí que vão para além do pedagógico. Mas é claro que eu também penso que posso encontrar direções bem diferentes daquelas que eu vivi, dos casos que contei. O grande problema da escola estadual é que você não tem uma proposta pedagógica para trabalhar, não existe isso. Então, com essa ausência de proposta, muito vem de cima, tudo que você tem que fazer, não se tem uma discussão. O grupo de professores não é sempre o mesmo e não acredita nas mesmas coisas. Variam bastante. Com todos esses fatores, a continuidade do trabalho fica difícil. Então quando você pega um grupo de professores para estudar, haverá aqueles que estarão afim e outros não. Uma vez a gente foi ler um texto da pedagogia Freinet, sugerido por mim, super curtinho, do livro “Pedagogia do Bom Senso” e então um professor virou e falou assim: “Olha, eu sei que você esta com boa intenção, o texto deve ser muito legal, mas a gente não está aqui para fazer isso”. Sabe, nós estávamos em uma reunião pedagógica, o que nós vamos fazer em uma reunião pedagógica? E então ele disse “Não, porque a gente ganha pouco...” e comparou o trabalho de uma prostituta evidenciando as suas vantagens em relação à profissão docente. Eu fechei o livro e saí, não agüentei.

Carol - Caramba, que situação! Acho que fica bem claro que o professor, assim como qualquer outro profissional, é um ser com sentimentos, emoções, felicidade e frustrações. E pensando nisso, o seu abandono da escola pública não deve ser visto ou julgado separadamente de todo um contexto em que você se encontrava. Por mais que a gente

dependa do dinheiro, é muito difícil exigir de qualquer professor esse compromisso de que ele não pode e não deve desistir. Nós somos seres humanos e podemos, em nossas vidas profissionais, presenciar uma frustração sobre outra, como no seu exemplo. Acredito que cabe um convite àqueles que não lecionam para vestir essa pele e, pensando nessa situação que você viveu, quem não desistiria? Eu sei que a Escola Freinet possui um espaço dedicado a momentos de estudo e pela sua fala isso não soa como obrigação, mas como um real aperfeiçoamento. Já na instituição pública que você me descreveu, o encontro parece ser obrigatório onde se torna desejável fazer tudo, menos discutir sobre educação. Não há motivação para que se discuta o próprio trabalho, afinal isso seria uma “hipocrisia” na visão de alguns.

Mantovani de Assis e Vinha nos lembra que nem sempre o governo ou a escola privada investe na qualificação e no aperfeiçoamento continuados de seus professores. Às vezes, por problemas financeiros e, outras vezes, por considerar esse investimento pouco relevante, ou ainda por ter outras prioridades, como já foi dito em outro momento dessa reflexão. Tal fato fica evidente se pensarmos que muitos professores não possuem, em sua jornada de trabalho, horas de estudo coletivo ou de trabalho pedagógico em equipe que sejam remuneradas. O ideal seria que o professor recebesse um salário digno, que lhe possibilitasse a participação e custeio de seu aperfeiçoamento. Porém, há inúmeras instituições públicas e privadas nas quais um bom investimento nessa área está sendo feito mas, infelizmente, alguns educadores simplesmente não participam, ou só o fazem quando convocados em horário de trabalho, ou apenas quando recebem algum tipo de “incentivo” por isso como, por exemplo, um retorno financeiro ou certificados que contam pontos para promoção ou currículo. Cabe também ao docente refletir sobre suas prioridades, seus objetivos profissionais e sobre que tipo de seres humanos pretende formar. (VINHA, 2007)

Sara - Isso é um problema bem grande quando a gente mexe com especialista, não é? Porque especialista não teve nenhuma formação pedagógica, quer dizer, praticamente nenhuma. Então ele chega lá na escola com a concepção que ele tem do que ele estudou. Eu sei que quando eu entrei na Escola Freinet eu vinha de uma escola tradicional. Deu certo comigo a escola tradicional, então me questionava: “Será que vai dar certo essa escola mais alternativa?” “Será que Freinet dá certo?” Essas eram as minhas grandes questões. “Saiu gente daqui e vocês têm retorno?”, “O que eles estão fazendo?”. E hoje a gente vê e eu sei, que esses alunos se dão super bem. Então assim, o caminho é esse mesmo. Para alguns dá muito certo. Mas eu volto a insistir, para alguns alunos é preciso a maneira tradicional de

ensino e nós professores temos afinidades, assim como alunos, e isso serve para qualquer pedagogia.

Carol - Quando você fala sobre professores especialistas, me parece que você coloca em “xeque” a formação desses educadores. E eu realmente me questiono, eles estão preparados para lidar com esses problemas? Existe uma preparação? As escolas, sejam públicas ou privadas, dão subsídios ou auxílios para esse profissional? E aquelas que oferecem, os professores topam isso? Eles sempre participam?... São questões que ficam na minha cabeça...

La Taille afirma que a preparação dos professores constitui a questão primordial de todas as reformas pedagógicas, pois, enquanto não for a mesma resolvida de forma satisfatória e concreta, será inútil organizar belos programas ou construir belas teorias a respeito do que deveria ser realizado. (LA TAILLE, 2006)

Para Brooks e Brooks, muitos educadores aprendem sobre currículos e metodologias de ensino projetando e criando a si próprios. Entretanto, poucos educadores realmente aprendem sobre desenvolvimento através de sua própria pesquisa e projeto. A maioria das informações sobre desenvolvimento foi “jogada” durante aulas expositivas, cursadas muitas vezes para ganhar os créditos necessários para obter o certificado que lhes dá direito à docência. Para criar escolas que reconheçam, valorizem e respondam às necessidades cognitivas, sociais e emocionais dos alunos, os educadores precisam estudar aqueles fatores no contexto de seus próprios ambientes em uma base progressiva. Deve-se ter a idéia de que as escolas são verdadeiros centros de pesquisa, pois têm acesso a dados importantes sobre o desenvolvimento estudantil durante o ano inteiro. Grupos de estudo compostos por participantes interessados necessitam ter papéis de liderança na definição do que eles querem estudar e esse estudo pode partir de uma política que parece não funcionar: um aluno que não está avançando, um conceito que ninguém aprende. Juntos, os membros do grupo de estudos orientam um ao outro na formulação de um melhor entendimento de como eles podem fazer de sua escola um ambiente mais humano e de crescente produtividade. E à medida que o grupo de estudos amadurece também isto se estende às outras partes da escola. (BROOKS e BROOKS, 1997)

Carol - Como é que você se sente, ou se sentiu, trabalhando nessas duas realidades distintas? Isso para você foi um problema?

Sara - Quando você tem uma direção na escola que dá liberdade para você trabalhar, você não sente a diferença, porque aí você vai desenvolver o seu trabalho da maneira que você acredita. Mesmo que os outros professores das outras disciplinas não trabalhem com a Pedagogia

Freinet, o seu trabalho dentro de sala de aula é garantido, então você não precisa se preocupar. Deve ficar claro que não é todo mundo que tem que fazer pedagogia Freinet pra você desenvolver o seu trabalho, ou qualquer outra pedagogia. Pelo menos na pedagogia Freinet isso funciona. Então quando você tem um diretor na escola permissivo isso se realiza. Eu trabalhei muitos anos usando as duas coisas. Eu levava um material da Escola Freinet e usava na escola do Estado, fiz uso do livro da vida dentro da aula de ciências, fazia jornal de parede com eles. Então eu levava muitos instrumentos, quando eu tinha autonomia para fazer isso, e funcionava muito bem. Alguns outros professores que tinham afinidade discutiam sobre o aprender e o ensinar, então isso funcionava. Agora, quando você tem uma direção de uma escola que te amarra demais, até para o trabalho, aí é extremamente frustrante. Você não consegue trabalhar, não dá para trabalhar. Eu, Sara, não consegui, tanto que me exonerei, saí do Estado.

Carol - Agora queria sugerir uma situação hipotética: você lecionando na Escola Freinet e em uma instituição que você não tenha autonomia, onde você tenha que cumprir um determinado conteúdo à risca, com data marcada, você acha que é possível?

Sara - Olha, quando eu já estava dando aula na Escola Freinet, depois de um tempo eu voltei a dar aula no cursinho. Fiquei seis meses lá e foi engraçado porque eu falava “Gente, vocês não vão me perguntar nada? Vamos, devolvam pra eu devolver, pra gente fazer uma conversa”. Mas todos ficavam quietos, eles queriam que só eu jogasse a matéria, o conteúdo, então eu senti dificuldade. É lógico, se você precisa fazer, você vai e faz! Existe uma coisa profissional, você põe a carapuça e vai embora. É um precisar financeiro. É lógico que você vai tentar colocar alguma coisa que você acredita ali na jogada mas, se você não tem devolutiva, você engole a seco e vai embora. Dá a aula tradicional e mete bala.

Carol - Para uns professores me parece que está “tudo bem” trabalhar de uma determinada maneira, embora não concorde, e argumentar a situação por razões financeiras. Mas para aqueles que têm ideais, a situação começa a ficar insustentável, levando ao abandono, assim como aconteceu com você. E, além disso, acredito que essa sua postura de “briguenta” faz muito sentido, ainda mais quando estamos na instituição pública. Se você que está lá dentro não lutar por um direito que é também seu, quem o fará?

Sara - Na escola estadual, eu brigava muito porque eu também acho que lá é um espaço que eu posso fazer isso, então por isso que eu briguei, por isso que eu me exonerei, por isso que eu saí. Porque eu achava que era um lugar que eu deveria ter esse tipo de autonomia e que eu era mesmo responsável, como instituição pública, sabe?! Agora, numa escola em que eu estou

entrando, sabendo que o ensino é apostilado e fechado, se eu não quero, eu não vou, não aceito. Se eu entrei é porque eu vou trabalhar daquela forma, concordando com a maneira que aquela escola acredita que é bom para o ensino.

Concluindo

O fato desses professores trabalharem em ambientes que adotam práticas e concepções de ensino muito diferentes fortalece seus ideais em relação à educação e a maneira como entendem que deva ser operacionalizada uma pedagogia de modo que os alunos de fato tenham uma experiência educacional rica em possibilidades e cresçam como sujeitos.

Depois de conhecerem a Pedagogia Freinet, de desfrutarem da liberdade criativa que esta lhes proporciona na sala de aula, os professores que conhecemos levaram às outras escolas em que trabalham esta concepção pedagógica.

Quando se trabalha em uma escola que adota essa pedagogia, e na qual o trabalho dos docentes é orientado e subsidiado e suas práticas discutidas e aprimoradas em grupo as idéias, as técnicas da pedagogia Freinet se tornam mais fáceis de serem aplicadas. O desafio de ser um professor “Freinetiano” é atuar em uma realidade escolar distinta e desconhecida da descrita. Percebe-se, como verificamos nos diálogos com os educadores deste estudo, que é difícil encontrar um ambiente sócio – educacional e pedagógico como o das Escolas Freinet e foi a experiência em uma delas que lhes permitiu defender e levar os ideais dessa pedagogia para outras escolas em que trabalham.

A maioria das experiências dolorosas e desafiadoras que eles nos trazem em suas falas são, no fundo, positivas para a constituição de suas identidades profissionais. Esses ambientes educacionais distintos lhes proporcionaram intervir, a partir do que acreditavam, nas escolas públicas e particulares, introduzindo e desenvolvendo idéias e práticas que beneficiaram seus alunos e outros colegas.

A atuação desses professores foi tão significativa que eles se tornaram verdadeiros militantes da pedagogia Freinet. Apesar da proposta pedagógica das escolas em que lecionam, eles passaram a trabalhar a partir do que consideravam o mais adequado à formação de seus alunos tendo por base suas experiências na Escola Freinet. Atitudes como essa só podem ser tomadas quando se tem clareza do que realmente se defende, do que se pretende e se acredita como educador.

É comum na fala desses professores a necessidade de lecionar em mais de uma instituição pelo fator financeiro; essa necessidade teria levado esses profissionais a um posicionamento diferente do que tiveram, procurando se ajustar ao modo de trabalho das escolas que complementam seus ganhos mensais. A questão financeira é relevante, mas não

suficiente para fazê-los abandonar suas convicções pedagógicas e adotar posicionamentos tradicionais em educação.

Apesar de esses professores defenderem uma mesma pedagogia pode as soluções que adotaram para resolver suas “situações problemas” de trabalho foram distintas. Uns se mantiveram em uma dada instituição apesar das pressões que sofrem; outros não suportaram tantas situações frustrantes que barraram sua autonomia profissional, optando pelo abandono desse segundo emprego.

No diálogo com esses educadores, o professor Luís referiu que está conseguindo implementar mudanças na (Escola Futura) pois, apesar dos desafios, tem certo respaldo dessa instituição, mas em uma terceira escola em que leciona, ele encontrou uma resistência muito grande a mudanças não tendo nenhum apoio da direção, o que ocasionou o abandono do trabalho nessa escola.

A professora Sara teve de deixar seu trabalho na sua escola Estadual. A troca de direção gerou a perda de suas condições de trabalho voltado para a pedagogia Freinet, o que o tornou insustentável. Ela era uma professora concursada e lecionava em uma escola próxima a sua residência e preferiu abdicar de sua zona de conforto a ter de assumir práticas que violavam suas crenças educacionais.

É preciso que Vistamos a Pele desses profissionais para que possamos avaliar o dilema que viveram e vivem tendo de enfrentar duas jornadas de trabalho tão diferentes e ainda lutando por transformar uma delas a despeito de todas as formas de resistência de seus pares. Isso os faz passar por situações estressantes, fato que levou um dos professores deste estudo a adoecer.

Os professores nos descreveram escolas que permitem a introdução de práticas da pedagogia Freinet pelo fato de não terem uma proposta pedagógica atuante. Outras escolas não admitem que um professor possa interferir no seu esquema de trabalho, embora não se importem com o que ocorre dentro da sala de aula de cada um. Por último, existem instituições tão coercitivas, como os cursinhos, em que estão claros a proposta e o objetivo do trabalho pedagógico, de tal forma que o professor só continua lecionando se aceita totalmente a proposta.

Os professores que conhecemos nesta pesquisa são de fato diferenciados. Eles estudam e conhecem bem as idéias que defendem, ampliam cada vez mais e aprofundam suas bases pedagógicas. Eles são representativos dos educadores que atuam segundo o que acreditam mesmo que o ambiente escolar não os favoreça nesse sentido. Com um mínimo de abertura

eles avançam e procuram impor seus pontos de vista e práticas pedagógicas transgredindo, muitas vezes, o que é vigente nessas escolas.

Eles passam por problemas, enfrentam dificuldades, se frustram, mas continuam propalando suas concepções. São professores que fazem a educação e pouco a pouco se tornando cada vez mais uma atividade reflexiva que traz aos alunos oportunidades de um desenvolvimento almejado e aos demais professores a possibilidade de ir além do que já conhecem.

Finalmente

A formação universitária e continuada são importantes para que os professores se tornem capazes de desenvolver uma educação de melhor qualidade, mas a oportunidade de trabalhar e entrar com uma pedagogia como a criada por Freinet é uma vivência que vai além do que estágios e estudos acadêmicos nos proporcionam.

Os professores se fazem profissionais em experiências como estas viveram em uma Escola Freinet. O contato com uma concepção de ensino que dá real importância a educação, proporciona aos professores o trabalho com instrumentos e práticas que os auxiliam a desenvolver uma educação realmente progressista e inclusiva.

Trabalhar em um coletivo escolar fundamentado em uma perspectiva de trabalho ativa e que está sempre sendo discutida e implementada segundo uma visão compartilhada de trabalho traz a função docente uma valorização que está muito ausente na profissão de educador. Isso implica em ganhos de autonomia e em propostas que venham a contribuir para que o trabalho na escola possa ser constantemente revisto, aperfeiçoado e refletido.

Certas pedagogias, como a Freinet, sobrevivem porque defendem uma formação embasada em princípios irrefutáveis e atemporais, tais como: a livre expressão, a cooperação e a autonomia dos sujeitos.

Referências

- AZEVEDO, Milena C. *Celéstin Freinet: a pedagogia de uma escola moderna*. Tese de Conclusão de Curso; UNICAMP, Campinas – SP, 2007.
- BASTOS, João Baptista: *Gestão Democrática da Educação: as práticas administrativas compartilhadas*. In: BASTOS, João Baptista (org). *Gestão Democrática*. São Paulo: DP&A Editora, pp.7 -30.
- BELLAN, Débora C. *Celéstin Freinet: Uma revisão bibliográfica*. Tese de Conclusão de Curso; UNICAMP, Campinas – SP, 1998.
- BROOKS, J.G. e BROOKS, M.G. *Construtivismo em sala de aula*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- ELIAS, M. D. C. *Pedagogia de Freinet: teoria e prática*. São Paulo: Papyrus, 1995.
- FERNÁNDEZ, Alicia. *A mulher escondida na Professora: uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem*. Porto Alegre RS– Artes Médicas, 1994.
- FERREIRA, Gláucia. *Palavra de Professor(a): tateios e reflexões na prática da pedagogia Freinet*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2003.
- FREINET, C. *A educação do trabalho*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. *A pedagogia do bom senso*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- _____. *O método natural I: a aprendizagem do desenho*. Lisboa, Estampa, 1977
- FREINET & SALENGROS, R. *Modernizar a escola*. Lisboa, Dinalivro, 1977.
- FREINET, Elise. *Nascimento de uma pedagogia popular*. Lisboa, Estampa, 1978.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GALLO, Silvio. “Transversalidade e educação: pensando uma educação não-disciplinar”, in: ALVES, Nilda (org). *O sentido da Escola*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 1999.

GARCIA, Pedro B. "Paradigmas em crise e a educação", in: BRANDÃO, Zaia (org). *A crise dos paradigmas e a educação*. São Paulo: Cortez, 1999.

HERNÁNDEZ, Fernando. A importância de saber como o professor aprende, Pátio virtual: *Formação docente: O desafio da qualificação cotidiana*, nº 4, fev./abr., 1998.

KAMII, Constance. Os princípios pedagógicos extraídos das teorias de Piaget face à prática. In: SCHWEBEL, M. e RAPH, J. *Piaget à l'école*. Paris: Denoel/Gontier, cap. VIII, pp 179-194, 1976.

LA TAILLE, Y de. A educação moral: Kant e Piaget. In: MACEDO, L (org). *Cinco estudos de educação moral*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

LIBÂNEO, J.C., OLIVEIRA J.F., TOSCHI, M.S. *Educação Escolar: políticas, estrutura e organização*. São Paulo: Cortez, 2003.

MARTINS, Maria H. F. L. "A Pedagogia Freinet e a 'prática' de inclusão". In: *Revista Freinet* nº 1, publicação ABDEPP, 2006.

NASCIMENTO, Maria E. P. *A pedagogia de Freinet: natureza, educação e sociedade*. Campinas, SP. Editora da Unicamp. 1995.

PIAGET, Jean. *Biologia e Conhecimento: Ensaio sobre as relações entre as regulações orgânicas e os processos cognoscitivos*; tradução de Francisco M Guimaraes. Petrópolis, Vozes, 1973.

SAMPAIO, Rosa M. W. *Freinet: Evolução histórica e atualidades*. São Paulo: Scipione, 2007.

VINHA, Telma; ASSIS, Orly Z. M de. A autonomia, as virtudes e o ambiente cooperativo em sala de aula: a construção do professor. In: TOGNETTA, Luciene Paulino (org). *Virtudes e Educação: o desafio da modernidade*. São Paulo: Mercado de letras, pp.159 -197.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Educação

Vista minha “Pele”

Um diálogo com professores especialistas que
lecionam em diferentes realidades educacionais

Monografia apresentada à Faculdade de Educação
da UNICAMP para a obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia sob a orientação da
Profa. Dra. Maria Teresa Egler Mantoan.

Carolina Xavier Lima Castro

Campinas

2010

